



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

JULLIE SOUZA DE SANTANA SANTOS

**MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM SALVADOR: UM ESTUDO DA FESTA
DE YEMANJÁ, NUMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA
MULTIDIMENSIONAL.**

SALVADOR

2014

JULLIE SOUZA DE SANTANA SANTOS

**MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM SALVADOR: UM ESTUDO DA FESTA
DE YEMANJÁ, NUMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA
MULTIDIMENSIONAL.**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia –
Curso de Geografia, pela modalidade do Bacharelado, da
Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de Geógrafa.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa

SALVADOR
2014

JULLIE SOUZA DE SANTANA SANTOS

**MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM SALVADOR: UM ESTUDO DA FESTA
DE YEMANJÁ, NUMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA
MULTIDIMENSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do curso de
graduação em Geografia como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Geografia, na Universidade Federal da
Bahia.

Aprovado em 27 de novembro de 2014.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa
Orientador/UFBA

Prof. Msc. Clímaco César Siqueira Dias
Co-orientador/UFBA

Prof. Msc. André Nunes Sousa
Professor/UFBA

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca do Instituto de Geociências - UFBA

S237 SANTOS, Jullie Souza de Santana
Manifestações culturais em Salvador : um estudo da Festa de
Yemanjá numa perspectiva geográfica multidimensional / Jullie
Souza de Santana Santos.- Salvador, 2014.
62 f. : il. Color.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa.
Co-orientador: Prof. Msc. Clímaco César Siqueira Dias
Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal da
Bahia. Instituto de Geociências, 2014.

1. Geografia humana - Salvador (BA) . 2. Festas religiosas. 3.
Iemanjá (Orixá). 4. Sustentabilidade. I. Serpa, Angelo Szaniecki
Perret. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências.
. III. Título.

CDU: 911.3(813.8)

DEDICATÓRIA

Para mim,
Como prova que sempre fui capaz de chegar aonde sempre quis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que mesmo sem entender o porquê de cursar Geografia, estão presentes como alicerces e zelando com seus conselhos para meu crescimento pessoal e profissional. Ao meu pai, à minha mãe e minha irmã. Aos meus tios Aldimar, Quézia, Edite e Geovânia. Meus Avós, por quem tenho o maior carinho e os melhores colos do mundo: Vovô Roque (In memoriam) e Manezinho, Vovó Elza e Júlia. Aos primos-irmãos, Ygor (que sempre foi o ombro amigo), Edilene (por sempre me ouvir e diminuir meu fardo), Danilo e Thaís (pelas férias incríveis).

Aos meus amigos que sempre trouxeram alegria nesse período de vida acadêmica e que souberam transformar as dificuldades em barreiras transponíveis. Sem vocês a conclusão dessa etapa não seria possível. Vitor, Juranir, João, Fabrine, Juliet, Rosi, Rodrigo, Mateus Barbosa e Edely, obrigada por cada gesto de atenção, por cada instrução e motivação.

À “minha gestão”, a experiência mais viva e concreta de que é possível fazer política pensando no coletivo e na crença de que algo pode mudar. Foram os melhores semestres da minha vida, principalmente por firmar novas amizades: Carlos, Louise, Cris, Felipe Doss, Juarez, Renata, Dayse, Lorena, Rafael, Renner, Juliet e Rainer, obrigada pelas novas coordenadas no último ano da faculdade.

Aos meus alunos, que me ensinaram a importância do esforço pessoal diante de tantas dificuldades. Vocês são meu exemplo!

Aos colegas de trabalho da SSP/BA, IBGE e UPT/PÓLO NARANDIBA, por toda paciência, risadas, experiência, compreensão e pelos conhecimentos que serão levados por toda vida.

Ao meu orientador, Angelo Serpa, pelo grande profissional motivador e, sobretudo, pela paciência, compreensão e orientação nesse período tão cheio de medos. Obrigada pelas observações, críticas e leituras atentas que permitiram a formulação desse trabalho.

Aos que foram fundamentais na construção desse trabalho e me ajudaram em momentos cruciais na elaboração do mesmo: Juliet, Everton, Carla, Tio Souza e os pescadores do Rio Vermelho.

À comunidade UFBA, que abriu as portas para formação do meu conhecimento e do senso crítico ao longo desses 4 anos e meio.



Festa de Yemanjá por Carybé (1950)

Dia dois de fevereiro
Dia de festa no mar
Eu quero ser o primeiro
A saudar Iemanjá
(...)
Escrevi um bilhete a ela
Pedindo pra ela me ajudar
Ela então me respondeu
Que eu tivesse paciência de
esperar
O presente que eu mandei pra
ela
De cravos e rosas vingou
Chegou, chegou, chegou
Afinal o dia dela chegou.
(Dois de Fevereiro – Dorival
Caymmi)

RESUMO

O sagrado tem seu espaço marcado na organização social da cidade, onde a vida urbana é recriada a cada período que marca o início de uma festa religiosa. Na cidade de Salvador (BA), a festa de Yemanjá é uma das principais manifestações populares religiosas, que perpassa as fronteiras geográficas e une diferentes povos e ideologias através do compartilhamento de uma mesma fé e devoção. O presente trabalho aborda a multidimensionalidade da Festa de Yemanjá: festa religiosa; festa espetáculo, que movimenta a economia e estimula o turismo através da venda da sua história; festa que mobiliza diferentes agentes com interesses diversos; e festa que se relaciona diretamente com o meio ambiente. Os procedimentos metodológicos consistiram da aplicação de formulários, aplicados no pré-festa e durante o festejo, de entrevistas com sujeitos relevantes e do levantamento bibliográfico tomando como referência importantes autores que abordaram as temáticas relativas ao universo de estudo, o que possibilitou a construção de análises para alcance do objetivo central do trabalho, de identificar, contextualizar, caracterizar e analisar as relações econômicas, sociais, culturais, religiosas, ambientais e históricas da Festa de Yemanjá. Os resultados obtidos a partir dessa análise evidenciam um discurso de sustentabilidade que não deve ser aplicado às questões religiosas, uma política ineficiente de resíduos sólidos no tocante à coleta seletiva; a ligação quase intrínseca entre o profano e o sagrado, perdendo assim a festa sua essência puramente religiosa; e o mercado que se favorece a cada ano sobre a cultura local.

Palavras-Chave: Festa de Yemanjá; cultura; multidimensionalidade; sustentabilidade; política de resíduos sólidos.

ABSTRACT

The sacred feature has set its place in the social organization of the city, in which urban life is recreated every time a religious festival begins. In Salvador (BA), Yemanjá's celebration is one of the most popular religious manifestations that permeates geographic boundaries and unites different people and ideologies through the sharing of the same faith and devotion. This monograph presents the multidimensionality of Yemanjá's celebration: a religious festival; a show party which drives the economy and stimulates tourism through its history; that mobilizes different agents by levels of interest and that has a direct relationship with the environment. The techniques used as methodology, through forms applied in the pre-party and during the celebration, interviews with relevant people and the bibliographic reference of important authors of this study range, enabled the construction of analyzes within the central objectives of the paper, which are identify, contextualize, characterize and analyze the economic, social, cultural, religious, environmental and historical relations of Yemanjá's celebration. The results of this analysis show a sustainability discourse which should not be applied to religious issues, a solid waste policy related to an inefficient selective collection; an almost intrinsic connection between profane and sacred, which shows that the celebration has lost its purely religious essence; and the market that takes advantage of the local culture every year.

Keywords: Yemanjá's celebration; culture; multidimensionality; sustainability; solid waste policy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização da Cidade de Salvador na Bahia.	15
FIGURA 2 – Localização do bairro do Rio Vermelho em Salvador.	17
FIGURA 3 – Presente especial ofertado à Rainha do Mar na Festa em sua homenagem no ano de 2014.	32
FIGURA 4 – Barracão onde são depositados os presentes da festa.	33
FIGURA 5 – Dia 02 de fevereiro, dia de Festa de Yemanjá.	34
FIGURA 6 – Presentes são entregues como forma de agradecimento e devoção.	35
FIGURA 7 – Tradicionais balaios.	35
FIGURA 8 – Religião posta à venda.	37
FIGURA 9 – Paisagem "natural" da orla de Salvador é substituída pela paisagem comercial.	45
FIGURA 10 – Venda de uma única marca é obrigatória em todo circuito de festa, o que desagrada vendedores e compradores.	46
FIGURA 11 – Roda de Capoeira no circuito principal da festa.	48
FIGURA 12 – Samba de Roda no circuito principal anima os participantes da festa de Yemanjá.	49
FIGURA 13 – Instrumentos políticos de governo para prevenção e gestão dos resíduos.	55
FIGURA 14 – Mar como fiel depositário de oferendas sagradas e profanas.	61
FIGURA 15 – Presentes retornam à praia em dia de festa.	62
FIGURA 16 – Presentes continuam retornando dias após a festa.	62

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 01 – Religião dos participantes da Festa de Yemanjá.	27
GRÁFICO 02 – Pluralidade religiosa dos frequentadores da Festa de Yemanjá.	28
GRÁFICO 03 – Local de compra dos presentes ofertados.	44
GRÁFICO 04 – Comparativo de presentes ofertados.	55
GRÁFICO 05 – Composição material dos presentes ofertados.	56
GRÁFICO 06 – Concepção de presente sustentável.	57

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Correspondência entre alguns dos santos católicos e as divindades africanas.

29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS	20
1.1.1	Objetivo Geral	20
1.1.2	Objetivos Específicos	20
1.2	JUSTIFICATIVA	21
1.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
1.3.1	Etapas Metodológicas	22
2	DIMENSÃO SOCIOCULTURAL	25
2.1	RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NO BRASIL	25
2.2	SINCRETISMO RELIGIOSO	28
2.3	A FIGURA DE YEMANJÁ	31
2.4	CONTEXTO HISTÓRICO DA FESTA DE YEMANJÁ: QUANDO E COMO ACONTECE?	32
3	DIMENSÃO ECONÔMICA	40
3.1	MERCANTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	40
3.2	FATORES DE PRIVATIZAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E DE UMA MANIFESTAÇÃO POPULAR	42
3.3	O TURISMO E A FESTA DE YEMANJÁ	47
4	DIMENSÃO AMBIENTAL	51
4.1	ANÁLISE SOBRE A QUESTÃO AMBIENTAL NA FESTA DE YEMANJÁ	55
4.2	OS AGENTES DA FESTA E A QUESTÃO OS RESÍDUOS SÓLIDOS	58
5	CONCLUSÃO	64
	REFERÊNCIAS	67
	APÊNDICE A - Modelo de questionário aplicado nos dias 01 e 02 de fevereiro de 2014.	72
	APÊNDICE B - Roteiro para realização de entrevista com os pescadores da Colônia do Rio Vermelho em Salvador.	73
	APÊNDICE C - Roteiro para realização de entrevista com o Povo de Santo.	74

1 INTRODUÇÃO

A monografia percorrerá as diversas faces de uma manifestação cultural popular, unindo a pesquisa geográfica à análise cultural numa abordagem multidimensional, investigando e delimitando o sagrado, transformado em festa, dentro de sua conjuntura social, econômica, religiosa, histórica e ambiental na cidade de Salvador (BA).

O objeto de estudo se faz presente em um subcampo da Geografia, a Geografia Cultural. Com influência dialética e da Filosofia a partir dos significados e pela contextualização histórica. O significado do termo “cultura”, adotado na presente monografia, se baseia no conceito utilizado por Claval (2007), cultura como uma criação coletiva e renovada dos homens, que molda os indivíduos e define os contextos da vida social que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e de dominar os espaços. Ela institui os indivíduos, a sociedade e o território onde se desenvolvem os grupos.

Manifestando-se de diferentes modos, a relação cultura e urbano pode ser apresentada de forma complexa. No interior dessa complexidade podemos destacar as festas populares, que são momentos de expressão e de manifestações culturais, nos quais diversas classes sociais se envolvem com intensidade. É um momento de libertação, com demonstrações de ritos ou quebra de padrões.

“Festa” é uma palavra presente no dicionário brasileiro e utilizada com frequência no calendário nacional. Conhecemos e adotamos, como conceito de festa, aquele de Carlos Rodrigues Brandão¹ (1989), que busca um significado mais amplo do termo em questão. Festa como necessidade do homem, que interrompe a rotina cotidiana e celebra atividades definidas, assumindo uma dimensão de construção social. Dimensão essa que permite a união de diferentes grupos e sua interação num mesmo espaço, onde, segundo Del Priore (1994), se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade.

Algumas sociedades dão mais ênfase a determinadas datas comemorativas que outras. Segundo Brandão (1989), festa é uma fala, uma memória e uma mensagem.

¹ Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor visitante senior da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tem experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia rural, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, educação popular, campo religioso, religião e educação.

No Brasil colônia, as festas populares possuíam uma condição de lazer e interação, não sacralizadas, como parte das atividades culturais. Havia uma influência principalmente europeia, muito forte nas festas populares religiosas e que se faz presente nas expressões culturais atuais. Havia um interesse do Estado em prestigiar as celebrações religiosas. As festas reais e religiosas pareciam também acentuar a identificação entre o rei e a religião, fortalecendo a aliança dos colonizadores, confirmando seus poderes e disciplinando a população (DEL PRIORE, 1994).

A religião também está inserida nos moldes estruturais da sociedade, por isso as festas exprimem emoções e sentimentos de identidade, aproximando por vezes diferentes camadas sociais. Del Priore (1994 apud SANTANA, 2011, p.123) afirma que:

era nesse momento de festa que outros segmentos da sociedade, como negros e índios, aproveitavam para exibirem traços da sua cultura. Era a oportunidade de transformação das festas e comemorações com características portuguesas (...) oportunidade de recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, maneira de se vestir e reproduzir.

Ou seja, a oportunidade de indivíduos assumirem sua própria identidade perante outros grupos.

O Brasil possui uma característica particular que se propaga em todo seu território e que, segundo Amaral (1998), faz da fé uma festa que adquire uma feição em cada região, buscando a semelhança dentro de uma diversidade cultural.

A presente monografia aborda a partir da investigação do objeto de estudo, a escala do lugar, que, segundo Carlos (2002, p.28), “se manifesta como produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido [...] pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade”.

Abordamos lugar como espaço vivido, de representações simbólicas e imaginações de diferentes indivíduos. Lugar que viram não-lugares, onde perdem sua identidade perante a transformação dos espaços agora marcados por uma multiplicidade de significados e interesses.

A festa se restringe espacialmente à cidade do Salvador, capital do estado da Bahia (Figura 1), terceira cidade mais populosa do Brasil, com uma população estimada em 2.883.682 habitantes (dados referentes ao ano de 2013, segundo o IBGE), sendo que 82% dessa população são constituídos de descendentes de africanos, o que a torna, em termos proporcionais, a cidade composta por mais negros do Brasil.

Figura 1 – Localização do Município de Salvador



Fonte: elaborado por SANTOS, 2014.

O seu contexto histórico envolve um processo de colonização baseada no longo uso de mão de obra escrava, de colônia à sede da monarquia luso-brasileira e um dos núcleos urbanos atuais mais polarizadores do país. O longo processo de sua evolução modificou desde a expressão artística à política urbanística, bem como os conflitos de forças sociais e de classe na vida cidadina.

A cidade cresceu de forma acelerada, tornando-se, segundo Oliveira (2011, s.p), “um local desejado, a cabeça do Brasil”. As constantes invasões (a exemplo da Invasão Holandesa em 1624) só evidenciam a ambição e a obsessão que o território soteropolitano causava, tornando a Baía de Todos os Santos um verdadeiro palco de incursões. Entre os séculos XVII e XVIII, deu-se o apogeu da capital luso brasileira, incentivado principalmente pela exploração da cana e produção do açúcar, voltada para o mercado externo. Segundo Alcoforado (2003), no século XVIII, o comércio de exportação da Bahia tinha quatro direções: Europa, África e Rio Grande do Sul, além dos portos do Prata, com Salvador e Recôncavo se destacando nas vias de comércio baiano.

Além do comércio, o núcleo urbano da cidade de Salvador se solidifica e expande – tornando-se naquele período a cidade mais populosa do Brasil.

A perda do título de capital brasileira para o Rio de Janeiro deu-se em 1763: “O Rio de Janeiro, além de tornar-se o porto exclusivo da produção mineral, era bem defendido, e estava localizado estrategicamente em relação às questões platinas” (VASCONCELOS, 1997, s.p). Esse processo deslocou e concentrou a economia e os processos políticos em direção ao sul do país.

Ainda assim, Salvador não perdeu sua relevância no cenário brasileiro, mantendo até hoje forte influência histórica e cultural, atrativos turísticos que impulsionam o nome da cidade aos quatros cantos do Brasil e do mundo.

Atualmente possui um patrimônio histórico, arquitetônico e cultural reconhecido pela UNESCO², que declara a importância dos mesmos para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas:

O vasto patrimônio histórico-cultural de Salvador, fruto das influências das culturas indígena, portuguesa e africana, além das de outros povos imigrantes, bem como as condições climáticas e físicas do seu espaço urbano, que dispõe de aproximadamente 50 km de praias, correspondentes a 1/3 da costa da Baía de Todos os Santos, conformam hoje uma cidade miscigenada, dotada de ampla beleza natural e características próprias, que a diferenciam de outras urbes do país e do mundo, singularizando-a e tornando-a atrativa para o turismo (QUEIROZ, 2005, p. 245).

A cidade de Salvador é reverenciada não só pela influência da cultura e da miscigenação de povos que aqui estiveram, mas também pelo reconhecimento de suas características geográficas, com belezas naturais que a diferencia de outros núcleos urbanos do Brasil.

Muitos bairros da cidade de Salvador atrelam à sua história uma forte influência cultural e religiosa dos colonizadores ou de quem ali viveu. O bairro do Rio Vermelho está localizado no litoral sul da cidade de Salvador (Figura 2), entre os bairros da Ondina e Amaralina, possuindo quase 3 km de orla marítima.

Atualmente, o bairro é considerado como uma das áreas mais dinâmicas e importantes da cidade do Salvador, a partir dos investimentos, sobretudo privados. Sofreu grandes transformações, principalmente no tocante à exploração e à especulação imobiliárias, iniciadas na década de 1980, com o surgimento de diferentes serviços (lojas, bares e restaurantes) que transformaram o perfil do bairro para uma dinâmica boêmia, comercial e residencial.

² Bem cultural inscrito em 1985 com o título de Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. Segundo a UNESCO, a cidade tem conservado numerosos edifícios renascentistas de qualidade excepcional.

Figura 2 - Localização do bairro do Rio Vermelho em Salvador.



Fonte: elaborado por SANTOS, 2014.

Historicamente, o bairro do Rio Vermelho surgiu a partir de um povoado de mesmo nome antes mesmo da fundação da cidade de Salvador. Segundo Tavares (apud SOUZA, 2004, p. 83), a dinâmica de povoamento inicia-se com a chegada de Diogo Álvares Correia, o Caramuru – na língua dos índios “peixe que sai do mar” ou “filho do trovão” – em decorrência de um naufrágio no século XVI.

Caramuru estimulou o negócio entre os franceses através da comercialização do Pau-Brasil, e abriu caminho para, segundo Porto Filho (2012, p. 23), “o assentamento de portugueses que se estabeleceram com currais de gado e armações para pesca”.

Segundo Santos et al. (2010, p.78), “o povoamento do bairro foi incentivado principalmente pelas fugas dos moradores locais ao Morro do Conselho, frente às constantes invasões holandesas datadas no século XVII”. Aos poucos o bairro tomou expressão, existindo, já no século XIX, três importantes núcleos de povoamento: Paciência, Mariquita e Santana.

O nome do bairro foi denominado pelos colonizadores em função da coloração das águas do Rio Camarajipe, principal rio que corta a sua área, segundo Santos et al. (2010, p. 79), “desviado na década de 70 devido às intervenções urbanas e

às obras do sistema de esgoto sanitário”. Pelos índios, o rio era conhecido como *Camará* ou *Cambará*, uma flor de cor vermelho-amarelo, que, ainda segundo Santos et al. (2010, p 81), “era abundante em toda sua margem e coloria as águas com seus arbustos de folhas aromáticas e frutos vermelhos”.

O bairro iniciou o seu processo de expansão, segundo Flexor (1997), no governo de J. J Seabra³, que destruiu construções coloniais em nome do progresso e com base em discursos higienistas, buscando convencer a população sobre a necessidade de mudanças. Vale salientar, que no início do século XX, Salvador ainda mantinha características e estruturas coloniais.

Ruas estreitas, impedindo a livre circulação do ar e a penetração da luz, que contribuiriam para a disseminação dos miasmas (esses perigosos agentes difusores das doenças, segundo alguns dos especialistas do período); a carência de moradias provocando a proliferação de cortiços e outros tipos de habitações populares insalubres; a inexistência de um serviço de abastecimento de água e captação de esgotos eficientes e extensivos a todo o perímetro urbano (LEITE, 1996, p. 10; VILHENA, 1969, p. 154 apud FLEXOR, 1997, s.p).

O bairro começa a tomar forma em meados do século XX, a partir das primeiras vias de circulação. O Rio Vermelho era considerado um bairro afastado, distante do centro da cidade de Salvador, que, segundo Souza (2004, p.87), era representado pela Praça Castro Alves e pela Rua Chile; e um local reservado a pescadores e casas de veraneio. Durante meio século (1880-1930), o Rio Vermelho foi conhecido como um centro de veraneio, “constituindo-se no primeiro balneário turístico da Bahia” (PORTO FILHO, 2012, p. 26). O bairro dispunha de dois roteiros que faziam ligação com as demais vias de acesso da cidade, como afirma Souza (2004, p. 87):

O “Rio Vermelho de cima” (Itinerário Largo da Mariquita, Praça Colombo, Rua João Gomes, Rua Eurícles de Matos, Avenida Oceânica com o fim de linha na Praça da Sé) ou pelo “Rio Vermelho de baixo” (Itinerário era Largo da Mariquita, Praça Colombo, Rua João Gomes, Largo de Santana, Travessa Santana, Rua Conselheiro Pedro Luís, Avenida Vasco da Gama, com fim na praça dos veteranos).

Atualmente, a Avenida Oceânica é a principal via que margeia o bairro, circundando belíssimas praias e importantes monumentos culturais do Rio Vermelho.

³ Governador da Bahia em duas gestões (1912-1916 e 1920-1924) é reconhecido pela ampla obra de reurbanização empreendida na capital baiana, pela oratória, gestos largos e suas controvérsias políticas.

O bairro possui importantes construções que remetem à sua história. A Igreja de Nossa Senhora de Santana é um importante ponto de referência e o mais antigo monumento arquitetônico do Bairro, construída no século XIX:

Igrejinha do Largo de Santana: é o mais antigo monumento arquitetônico do Rio Vermelho, tendo sido construída na primeira metade do século XIX, no local da ermida levantada pelos jesuítas no século XVI. Foi desativada dos ofícios religiosos no dia 26 de julho de 1967, quando foi inaugurada a nova Igreja Matriz, na Rua Guedes Cabral (PORTO FILHO, 2012, s.p).

Devido à pequena capacidade para os fiéis, a igrejinha matriz, de arquitetura modesta e ainda presente no largo, necessitou de ampliação, sendo construído um novo templo em frente à fundação original. “Localizada próxima à colônia de pescadores, a Paróquia de Sant’Ana foi construída sob as ruínas de uma velha Fortaleza, que começou a ser edificada em 1710 e jamais foi acabada” (SANTOS et al. 2010, p.78).

Um importante marco cultural do bairro é a Festa de Yemanjá, objeto desta pesquisa, que ocorre nos arredores do Largo de Santana, em toda a orla da praia da Paciência, e que tem a colônia dos pescadores como concentração das ofertas e da devoção ao Orixá.

A Festa de Yemanjá marca a cidade de Salvador com seu festejo comemorado no dia 02 de fevereiro e preenche com devoção, batuques, oferendas e fé as ruas e a orla do bairro do Rio Vermelho – que tem toda sua dinâmica reorganizada para recebê-la – onde os valores religiosos e a cultura negra são reafirmados, revelados através da presença de seus elementos, linguagens e a história do próprio lugar.

Uma festa que pode ser abordada em suas diferentes dimensões e que assume diferentes facetas: é a festa espetáculo que impulsiona a economia e na qual o capital é investido com a finalidade de estimular o turismo, vendendo assim a história e cultura de um povo como algo exótico; segundo o BNB (2005), como uma manifestação cultural potencial, que assume um caráter atrativo, tanto pela beleza geográfica do lugar onde a festa acontece, quanto pelos aspectos culturais que a envolvem; é a festa que possui um valor cultural muito forte por expressar a devoção de um povo; festa que mobiliza diferentes agentes, que constroem e participam de diferentes maneiras, se “organizando” segundo níveis de intensidade, motivação e finalidade dos sujeitos envolvidos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo central deste trabalho é o de identificar, contextualizar, caracterizar e analisar as relações históricas, sociais, culturais, econômicas, religiosas, e ambientais da Festa de Yemanjá, além da identificação dos principais agentes e suas dinâmicas frente às dimensões abordadas.

1.1.2 Objetivos Específicos

A problematização do presente trabalho foca em quatro questões centrais:

- Qual representação a festa de Yemanjá assume nas diferentes dimensões abordadas?
- Já que a festa sustenta uma economia e cria laços com outras dimensões, de que forma a economia se contrapõe à dimensão ambiental na festa de Yemanjá?
- De que forma a economia favorece a produção de um não-lugar no espaço público e na construção das relações sociais?
- Do lado religioso, o que define o sagrado e o profano? E de que forma eles se expressam no dia da festa?
- Sabendo da representatividade e da proporção que o fenômeno festa alcança, perpassando barreiras geográficas, culturais e religiosas, quais são os agentes ativos na festa de Yemanjá e de que maneira podemos classificá-los segundo seus interesses?

Nesta perspectiva, procurou-se atentar para as principais dinâmicas das três dimensões apresentadas:

- a) Dimensão sociocultural: Contextualização histórica e localização geográfica da festa, relação entre o profano e o sagrado, classificação dos sujeitos participantes da festa segundo seus interesses.

- b) Dimensão econômica: Privatização dos espaços públicos para mercantilização, marketing, vendas e fiscalização e a reorganização dos espaços perante a economia.
- c) Dimensão ambiental: Identificação dos materiais com os quais são confeccionados os principais presentes e o impacto desses sobre o meio ambiente natural, problematização da sustentabilidade frente ao festejo e coleta seletiva.

1.2 JUSTIFICATIVA

Qual o verdadeiro sentido de festa na Bahia? Talvez essa tenha sido a principal indagação ao pensar e desenvolver o tema. Provavelmente munida de curiosidade, não pela festa de Yemanjá em si, apesar da sua história encantar nos primeiros olhares, mas pela forma como uma festa popular relaciona-se e comporta-se com os demais agentes (principalmente os econômicos); e pela forma que essa influência torna-se positiva (ou negativa) e reconfigura o local onde a mesma ocorre e nas práticas dos seus adeptos.

Tornou-se a festa de Yemanjá um ponto de partida para nos fazer questionar sobre a verdadeira lógica escondida atrás dos investimentos do poder público, dos grandes empresários e dos especialistas de marketing, que divulgam uma festa espetáculo como produto do consumo social.

A demonstração de fé também causou anseio de estudos. Que relação é essa, onde o profano e o sagrado se fundem? Que festa é essa que atrai multidão e consegue unir num mesmo espaço diferentes religiões? A proporção que a festa de Yemanjá alcança é surpreendente e não se limita a um local, a uma igreja ou a uma colina. A festa ocorre em várias partes da cidade e mantém uma tradicionalidade que é percebida nos presentes, nas roupas e nos gestos.

Por fim, o valor simbólico que a festa representa em Salvador. A festa de Yemanjá, pautada em raízes religiosas – do candomblé, alcança uma dimensão sociocultural imensurável.

O trabalho em questão cria novas pontes para discussão das modificações ocasionadas por uma manifestação popular e suas articulações entre pessoas, grupo, natureza e crenças.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes da construção do passo a passo que viabilizou a realização desta pesquisa, é importante citarmos o método científico que desde o início do trabalho mostrou-se presente dada às possibilidades reflexivas e contraditórias que o objeto de estudo proporciona. Segundo Diniz (2008), o método dialético reconhece a dificuldade de se apreender o real, em sua determinação objetiva, por isso a realidade se constrói diante do pesquisador por meio das noções de totalidade, mudança e contradição.

O método dialético foi escolhido por tornar-se fundamental e estabelecer-se na construção entre as minhas observações e a (des) construção do fenômeno investigado.

1.3.1 Etapas Metodológicas

Inicialmente, para viabilizar o referido trabalho e a fim de obter de forma satisfatória resultados dentro da análise levantada como proposta, foi estabelecido um recorte, que culminou na escolha de um festejo expressivo na cidade de Salvador (BA) e que envolvesse dinâmicas econômicas, sociais, ambientais e de cunho religioso e tradicional, sendo escolhida a Festa de Yemanjá, inclusive por sua representatividade no bairro que esta acontece. O recorte espacial da pesquisa se limita ao bairro do Rio Vermelho, localizado na orla marítima da cidade de Salvador e que atrela a sua história importantes marcos históricos e religiosos. O trecho principal onde se desenvolveu o estudo engloba parte da Rua da Paciência e a praia da Paciência.

Para atingir os objetivos foram realizadas as seguintes etapas metodológicas:

- a) Levantamento bibliográfico e documental, utilizado como referência em todo o trabalho. Foram buscados dados sobre a infraestrutura, organização e dinâmica do evento junto aos órgãos da prefeitura municipal de Salvador, a exemplo de empresas como a SALTUR (Empresa Salvador Turismo) e a LIMPURB (Empresa de Limpeza Urbana do Salvador); além da utilização de informações do Plano Municipal de Saneamento Básico (2010), referente à limpeza urbana e ao manejo de resíduos sólidos, que se encontra disponível na internet para consulta pública; também foram consultadas cooperativas de coleta seletiva que atuam na capital baiana, a exemplo da Camapet e Canore; dados

socioeconômicos foram obtidos junto ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); e outros dados em fontes eletrônicas e jornais de circulação na cidade;

- b) Utilização de pesquisa direta, em vista da necessidade de se obter dados específicos sobre a festa e de quem dela participa. Assim, enquetes foram elaboradas e aplicadas na Festa de Yemanjá (Apêndice A). Essas enquetes continham perguntas – cinco no total – abordando a assiduidade na festa, a religião praticada e/ou seguida, o tipo, a origem e o material dos presentes ofertados e uma questão específica que associava a prática dos presentes e oferendas às questões de sustentabilidade. As aplicações das enquetes duraram dois dias: dia 01 de fevereiro de 2014 (período pré-festa) e dia 02 de fevereiro de 2014 (dia da festa).
- c) Tabulação e a análise dos dados. Elaboração de entrevistas semiestruturadas para grupos específicos e importantes para o contexto da pesquisa. A pesquisa possui uma pergunta de cunho central e outras perguntas específicas para cada grupo. É importante citar que as perguntas propostas serviram como base para as entrevistas, surgindo novas indagações no transcorrer das mesmas. Inicialmente, pensou-se em quatro grupos, de acordo com as dimensões abordadas no trabalho: Pescadores do Rio Vermelho, Povo de Santo, Brasil Kirin (Dona da marca Schin) e Limpurb. Mas entrevistas foram realizadas apenas com os dois primeiros grupos: Pescadores do Rio Vermelho (Pescador Local) e Povo de Santo (Tio Souza, presidente dos filhos de Ganhdy e Babalorixá).
- d) No total foram aplicadas 200 enquetes. No período pré-festa, foram aplicados 30 enquetes e no da Festa de Yemanjá, 170 enquetes. A diferença entre o número de enquetes aplicadas entre o primeiro e o segundo dias deu-se devido à prioridade dada ao dia 2 de fevereiro. No dia 01, a proposta principal foi a observação, como a mesma se estruturava e organizava antes do dia festivo, viabilizando também o levantamento fotográfico e conversas com algumas pessoas que participavam do pré-festa.

As entrevistas com os outros dois grupos (LIMPURB e Brasil Kirin) não foram possíveis devido, principalmente, à falta ou poucos dados referentes ao período de festa de estudo. No caso da Limpurb, não há dados específicos (quantidade, tipo de

material coletado, riscos ao trabalho etc.) da festa de Yemanjá. Sobre coleta seletiva em Salvador não há dados devido à pouca representatividade que a mesma tem na cidade, além disso, segundo a própria instituição, a maioria dos dados podem ser obtidos através do site – o que é questionável, levando em consideração que os mesmos são generalistas.

Sobre as cooperativas contactadas, a Camapet não retornou os inúmeros contatos, e não divulgou, mesmo após solicitação formal, os dados solicitados. Além disso, uma das cooperativas afirmou não possuir dados referentes à coleta de resíduo em dia de festa de Yemanjá, já que os mesmos não fazem tal balanço. Um contato pessoal não foi possível devido à “falta” da pessoa responsável para tratar sobre o assunto.

A Brasil Kirin não forneceu dados referentes à atuação da empresa em dia de festa de Yemanjá ou qualquer balanço econômico, alegando que tais informações fazem parte da estratégia de marketing da empresa e que a divulgação pode acarretar danos à mesma. Foi sugerido que qualquer dúvida sobre a atuação da Brasil Kirin em Salvador fosse tirada com a prefeitura. O relatório de sustentabilidade enviado via email pela assessoria de imprensa pode ser encontrado no site da Brasil Kirin e pouco ajudou na construção efetiva do trabalho (RELATÓRIO..., 2014).

2 DIMENSÃO SOCIOCULTURAL

O estudo da dimensão sociocultural tem tanta importância quanto as demais dimensões abordadas, sendo fundamental na construção do espaço, já que a história, os valores e a organização do homem perpassam as escalas temporais e espaciais.

2.1 RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NO BRASIL

O Brasil comporta uma multiplicidade de traços religiosos e culturais, apesar da forte influência da colonização europeia, na qual sobressaem os traços católicos. A igreja Católica na Europa possuía uma forte aliança com o Estado, tornando o culto de outras crenças quase impraticável. Alguns desses traços tiveram influência direta ao longo do processo de escravidão, sobretudo. Muito dos seus símbolos estão associados à origem africana, como reminiscências de um período de resistência e sobrevivência face à escravidão.

A Umbanda e o Candomblé são religiões de matrizes africanas de prática intensa no Brasil, mas que assumem condição de minorias sociais quando comparadas à diversidade de religiões existentes, já que são estigmatizadas e sofrem cotidianamente processos de discriminação, resultando em diferentes e diversas formas de exclusão. No país, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), numa população de pouco mais de 195 milhões de habitantes, 167.363 mil são adeptos do candomblé, 407.331 mil adeptos da umbanda e 14.103 mil adeptos de outras declarações de religiosidades afro-brasileiras, que juntas correspondem a 0,3% do total de adeptos existentes no Brasil.

Engana-se quem assemelha a Umbanda ao Candomblé. Ambas surgem na gênese do processo de escravidão no Brasil. “Não há como falar de religiões afro-brasileiras sem se voltar para a história da participação do negro na colonização e composição do povo brasileiro, que também passa pela escravidão” (BARROS, 2006, p.8): Ambas diferem pela natureza das entidades cultuadas, de procedimentos e da organização do culto e de seus elementos culturais. “São religiões iniciáticas, organizadas em pequenos grupos que se congregam nos terreiros ou centros em torno de um pai ou mãe de santo” (PRANDI, 2004, sp).

A Umbanda teve seu berço em solo brasileiro, como afirma Barros (2006). Surgiu no bojo de um processo de profundas transformações sociais, culturais e econômicas deste país, onde o negro precisou se situar e se afirmar.

É a religião que envolve um ecletismo de matrizes religiosas como a africana, o catolicismo, o espiritismo kardecista e um pouco das religiosidades indígenas presentes no Brasil, traçando um perfil não segregacionista, sendo uma “religião de todos”. Segundo Barros (2006, p. 7), “historicamente é bem jovem, assumindo (...) um enorme leque de ritos e cultos a divindades dos vários grupos religiosos que foram, aos poucos, sendo assimilados”.

O candomblé possui como função principal o culto às divindades – Orixás, Inquices e Voduns. Na mitologia Iorubá, Orixás (Órísà) são arquétipos da criação. Forças vibracionais que atuam em determinados pontos na Natureza, tratando da manutenção da criação e dos seres que dela participam. Segundo Kileuy e Oxaguiã (2011, p. 29), seres que são a força e o poder da natureza, sendo seus criadores e também seus administradores.

Tio Souza (adepto e possuidor do grau de Babalorixá) afirma que os orixás são os elementos da natureza, como o ar, a água, o fogo e a terra de um modo geral.

Essas divindades possuem sentimentos paternais e maternais “assumindo características bem humanizadas, não estando em um plano inatingível ao homem” (KILEUY; OXAGUIÃ, 2011, p. 31).

Segundo Verger (2013), os Orixás são forças puras, *à se* material que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles. O ser escolhido torna-se veículo que permite a volta do Orixá para receber ofertas, cumprimentos e respeito de quem o evoca.

O candomblé é uma religião de vivência que tem por base a ética, a ritualidade e a influência no cotidiano dos praticantes. Pautada no conhecimento herdado a partir das raízes ancestrais e possuidora de muitos símbolos. Possui uma organização própria e de muito respeito entre os seus: “É estruturada com base nas famílias-de-santo a partir de uma hierarquia de cargos e funções, (...) e o compromisso com seu deus pessoal e ao mesmo tempo com seu pai ou mãe-de-santo” (NASCIMENTO, 2010, p. 935).

O termo “Candomblé”, apesar das diversas interpretações etimológicas, origina-se na nação Bantu – “nação mãe” – e se refere às danças e festividades dos escravos:

A palavra “candomblé” se referia às brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e também divinas dos negros escravos nas senzalas e em seus momentos de folga. Este nome se modificou e se secularizou na religião africana que floresceu no Brasil (KILEUY; OXAGUIÃ, 2011, p.29).

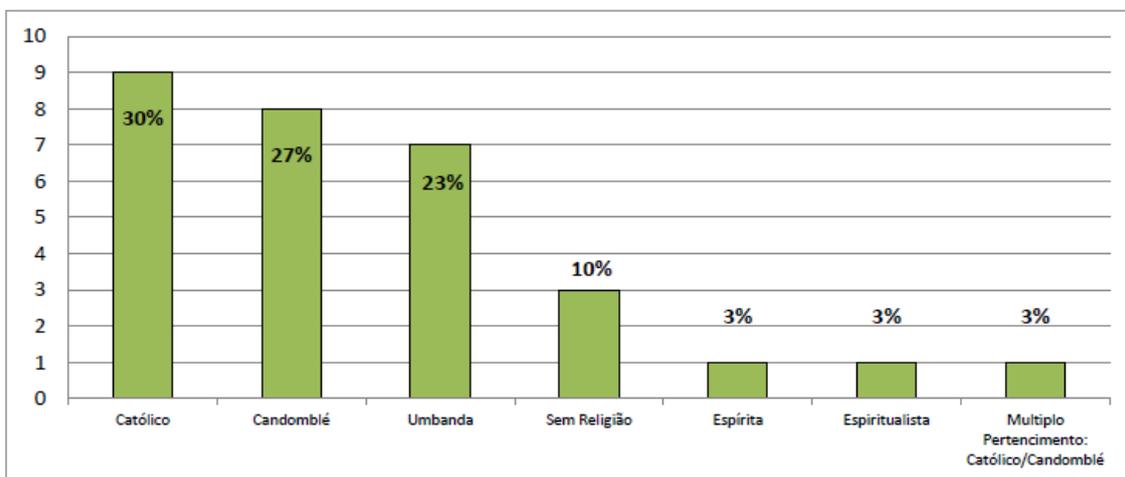
O candomblé no Brasil surge no período da escravidão, segundo alguns autores, como uma “reinvenção” da África no Brasil:

(...) marcada pela necessidade dos grupos afro-descendentes de reelaborar sua identidade social e religiosa para além da ótica escravista e das condições de desamparo social impostas aos negros no pós-escravismo, tendo como referência as matrizes religiosas de origens africanas (NASCIMENTO, 2010, p. 936).

Diferente das demais religiões, o candomblé reformulou-se e procurou adaptar-se a um novo território e a uma nova sociedade, sem, contudo, afirmam Kileuy e Oxaguiã (2011, p. 29), sofrer mudanças muito profundas nem radicais em suas tradições, seus dogmas e, principalmente, nos fundamentos deixados pelos mais velhos.

A importância da religiosidade afro-brasileira na sociedade contemporânea advém de sua relevância para a cultura brasileira através da música, das artes plásticas, da literatura, do cinema, da culinária e de sua forma de ver e viver o mundo. Na festa de Yemanjá, a multiplicidade de religiões surpreende. A partir das enquetes aplicadas em dia de festa, os gráficos 01 e 02 sintetizam os resultados encontrados.

Gráfico 01 – Religião dos participantes da Festa de Yemanjá.



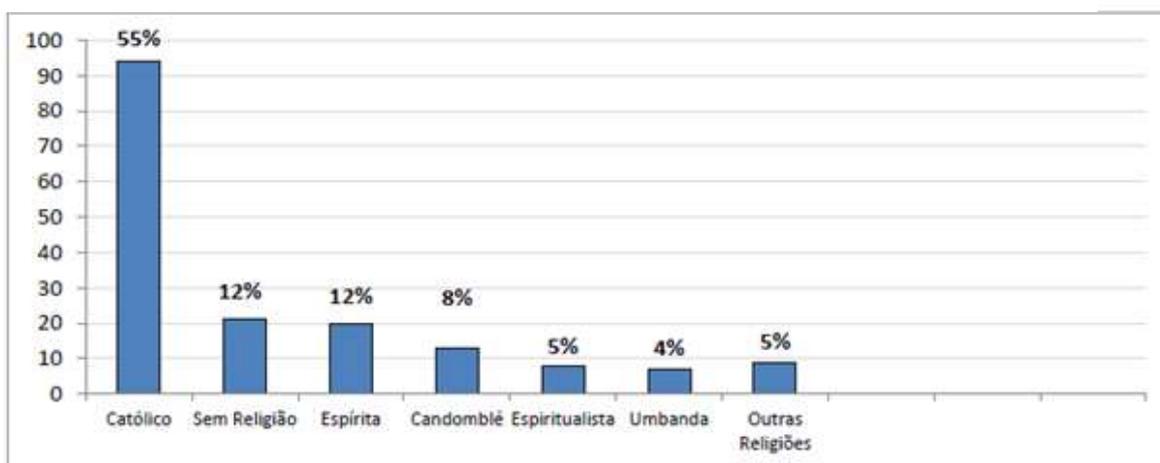
Fonte: SANTOS, 2014

Segundo uma análise comparativa dos dados, no dia 01 de fevereiro há uma participação maior de pessoas pertencentes ao Candomblé (27%), à Umbanda (23%) e ao Catolicismo (30%). É possível fazer uma breve análise sobre a participação dos candomblecistas e umbandistas no dia 01 de fevereiro a partir de diálogos enquanto se

aplicava a enquete. Muito dos praticantes abordados comentaram que preferiam participar no dia 1º, por uma questão de organização e espaço para devoção.

A partir da análise dos dados, percebe-se pluralidade religiosa. Católicos (30%), Candomblecistas (27%), Umbandistas (23%), Espíritas (3%), Espiritualistas⁴ (3%) e os que se identificam e pertencem a mais de uma religião, Católico/Candomblecista (3%), se unem num ato de devoção e de agradecimento. Os “sem religião⁵” (10%) estavam presentes na festa como admiradores.

Gráfico 02 – Pluralidade religiosa dos frequentadores da Festa de Yemanjá.



Fonte: SANTANA, 2014.

Ao analisarmos as enquetes do dia 02 de fevereiro, ficou claro entre os entrevistados uma maior participação dos católicos (55%), seguido dos espíritas (12%) e de pessoas que se auto declaram sem religião (12%); As religiões de matrizes africanas continuam entre as minorias: Candomblecistas (8%), Espiritualistas (5%), Umbandistas (4%) e Outras religiões: evangélicos (2%), Messiânicos (0,6%), múltiplo pertencimento, Candomblé/Católico (2%) e Católico/Budista (1%) que somam 5%.

2.2 SINCRETISMO RELIGIOSO

O sincretismo é um fenômeno de absorção e de influências de um sistema de crenças por outro. No Brasil, o termo se desenvolve com a chegada dos primeiros colonizadores e o contato com as diferentes tribos, etnias e costumes:

⁴ Doutrina ou sistema que admite a presença, no homem e no mundo em geral, do elemento espiritual.

⁵ Pessoas que não seguem doutrinas religiosas, ausência/indiferença ou não prática de uma religião.

A existência no Brasil de uma multiplicidade de traços culturais e religiosos, num primeiro momento tido como incompatíveis e diversificados, foram com o tempo se transformando numa forma peculiar de prática religiosa: a união de elementos religiosos e culturais diferentes e antagônicos num só elemento (HISTÓRIA E HISTÓRIA, 2012).

O sincretismo comumente conhecido é a transferência, na liturgia católica, dos Orixás para os santos católicos (Quadro 01) como forma de preservação dos seus cultos e crenças, durante um período de resistência e sobrevivência religiosa face à escravidão. Segundo Kileuy e Oxaguiã (2011, p. 33), em época de imposição da religião católica, foi preciso recorrer a artifícios que camuflassem a religiosidade do negro escravo.

Vale lembrar que o verdadeiro processo de sincretismo inicia-se com a mistura de diferentes povos da África trazidos no regime escravocrata, misturando seus costumes e culturas:

Com a vinda dos escravos para o Brasil, das várias partes da África Oriental, Ocidental ou Equatorial (...) os escravos tiveram que se irmanar (...) na necessidade de reencontrar a sua identidade, (...) Produziram assim um conjunto religioso próprio, mas sem perder os fundamentos da sua religião na África (KILEUY e OXAGUIÃ, 2011, p. 37).

Quadro 01 - Correspondência entre alguns dos santos católicos e as divindades africanas.

Orixá	Santo (a) Católico (a)
Oxalá	N. S. Jesus Cristo ou N. S. do Bonfim
Yemanjá	N. S. da Glória, N. S. dos Navegantes
Ogun	São Sebastião (Bahia), São Jorge (RJ)
Oxossi	São Sebastião (RJ), São Jorge (Bahia)
Oxumaré	São Bartolomeu
Logunedé	Santo Expedito
Exú	Santo Antônio e erroneamente “demonizado”.

Fonte: SANTOS, 2014.

Entretanto, as religiões de matrizes africanas ainda devem ser reconhecidas enquanto religiões, sem estarem subordinadas a outras, principalmente em respeito a suas particularidades, já que possuem suas próprias regras, seus próprios conceitos e liturgias.

A aceitação do sincretismo atualmente soa para alguns adeptos como uma negação das raízes culturais e religiosas, já que, conforme Kiley e Oxaguiã (2011, p. 36), esse amalgamento de religiões corta a força da cultura, tolhe a inteligência e a liberdade do ser humano, quebrando os elos de tradição e cortando os laços com o passado.

Para outros adeptos, o sincretismo acaba funcionando como porta de fuga para não assumirem perante a sociedade suas verdadeiras crenças e valores. É importante destacar que as convicções religiosas não são assumidas em razão do medo e da visão preconceituosa de uma sociedade que se baseia no imaginário e em uma realidade distante, classificando as religiões de matriz africana como “religiões do diabo”, “seitas” e “feitiços”.

Numa entrevista do professor Angelo Serpa a Valdina Oliveira, que possui titulação de Equede no candomblé, ela diz:

A nossa sociedade ainda faz com que se pense assim mesmo, não aceitam e não reconhecem o candomblé como religião. A maioria das pessoas se esconde no manto da religião católica. Pergunte se essas pessoas vão à missa regularmente. Não vão! A gente aprende que a gente não tem religião, que negro não tem religião, tem seita (SERPA, 1996, p. 188).

A intolerância religiosa ainda é o principal problema a ser combatido, já que é praticada principalmente contra crenças e cultos de origem africana, a exemplo do Candomblé e da Umbanda. Alvos de perseguições, os adeptos dessas religiões ainda sofrem perante seus algozes – praticantes de outras religiões e que se justificam em nome de um Deus – com humilhações, preconceitos e racismo, tendo seus terreiros e casas invadidos, por vezes destruídos, e suas tradições violadas. Por medo, muitos escondem suas crenças e resgatam a antiga prática escravocrata sob a opressão.

As religiões afro-brasileiras possuem a seu favor o direito de expressão, a liberdade religiosa e a plena proteção à liberdade de culto e seus rituais, assegurados pela constituição de 1988, artigo 5º, parágrafo VI:

Art. 5º – Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (BRASIL, 1988, s.p)

Embora seja comum cada religião defender a sua verdade, fazendo do proselitismo uma prática quase essencial à doutrina religiosa, é importante que se preze

pelo direito de escolha e liberdade religiosa do seu semelhante. A intolerância religiosa é um atentado contra a livre determinação de um indivíduo.

2.3 A FIGURA DE YEMANJÁ

No contexto histórico do sagrado, Yemanjá (ou Iémójá) é uma figura feminina do candomblé, que se tornou rainha das águas salgadas, Deusa do mar, grande mãe do povo iorubá e “mãe de todos os orixás” (KILEUY; OXAGUIÃ, 2011). Originalmente, na África, seu culto era realizado às margens do rio Ogum. Segundo Verger (2013), é o orixá dos Egbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemójá.

A saudação “Odoyá!” significa mãe do rio. De acordo com Kiley e Oxaguiã (2011), no Brasil transformou-se na “senhora dos mares”, talvez devido à grandeza oceânica do país, mas é também rainha dos lagos, das lagoas e da junção do rio com o mar.

Figuração de sereia e de mulher. Guerreira e mãe. Esposa e batalhadora. Vista como símbolo da sensualidade: seios fartos e cabelos longos, associada também à mãe protetora. Verger (2013) lembra que Iemanjá tem diversos nomes, relativos, como no caso de Oxum, aos diferentes lugares profundos (ibù) do rio. Ela é representada nas imagens com o aspecto de uma matrona, de seios volumosos, símbolo de maternidade fecunda e nutritiva.

Conforme Barros (2006, p. 107), “a imagem de sereia a remete à sua condição de mulher sexuada, feminina. A moça de longos cabelos pretos e vestido azul a remete à sua condição de mãe, materna e pura”.

No mar, Yemanjá possui o controle. Ora destrutivo, ora calma! Propicia fartura a quem do mar retira o seu sustento. Como afirmam Kiley e Oxaguiã (2011), propicia aos pescadores abundância e variedade de alimentos para sua sobrevivência e seu custeio.

Trazida para as novas terras pelos povos africanos, seu culto se perpetuou por gerações e entre brancos, negros, mulatos, ricos e pobres. Barros (2006, p. 2) observa que dos batuques gaúchos ao xangô pernambucano, Yemanjá teve seu culto difundido, estruturado e estabelecido, afirmando-se como um grande exemplo de figura feminina afro-brasileira.

No Candomblé, Yemanjá possui sua própria autenticidade. Segundo Kileuy e Oxaguiã (2011), Yemanjá não é sereia, nem Janaína e nem Nossa Senhora. Não é branca, nem alourada. É orixá, linda negra africana, mãe, mulher e guerreira.

2.4 CONTEXTO HISTÓRICO DA FESTA DE YEMANJÁ: QUANDO E COMO ACONTECE?

De acordo com a tradição, o festejo popular acontece desde 1923, quando a oferta de peixes da Vila dos Pescadores do Rio Vermelho reduziu-se. Desesperados, os pescadores pediram ajuda à Orixá, e seguiram para ofertar um presente para Yemanjá. Segundo Santos (2005), o que de início representou uma iniciativa de um grupo de pescadores e dos seus familiares, foi atraindo a participação dos moradores do bairro e posteriormente da população da cidade de Salvador, e integrando também a participação de pessoas de outros estados e países.

A cada ano, além dos presentes tradicionalmente entregues, um presente em especial é ofertado à Yemanjá e mantido em segredo até o momento da oferta no final do festejo. Esse ano, o presente principal assumiu forma de uma tartaruga (Figura 3), organizado pela colônia de pescadores Z-1 e confeccionada em madeira e resina, em tamanho real, pelo artista plástico baiano Ruy Santana.

Figura 3 – Presente especial ofertado à Rainha do Mar por pescadores



Fonte: Blog do Rio Vermelho, 2014.

Jornais locais demonstraram expectativa em torno do presente:

O momento mais esperado da Festa de Iemanjá ocorreu por volta das 16h15. Foi quando a escultura de uma tartaruga marinha em tamanho natural, rodeada de flores, deixou o

caramanchão, onde se depositam os presentes (...) quando o presente dos pescadores alcançou o barco, ecoou os aplausos das milhares de pessoas que cercavam a enseada em festa (TRIBUNA DA BAHIA, 2014, s.p.).

Como sinal de alerta para a preservação do meio ambiente os pescadores da Colônia de Pesca Z1, decidiram, este ano, presentear Iemanjá com uma tartaruga cabeçuda, espécie que está ameaçada de extinção (...) uma alvorada de fogos anunciou a chegada do presente principal, aguardado com muita expectativa por centenas de pessoas (BLOG..., 2014, s.p.).

O presente principal fica exposto no barracão, entre a Igreja de Sant'Ana e a Casa de Yemanjá. O Barracão (figura 4) é uma estrutura de madeira coberta por palha de coqueiro, montado todos os anos em decorrência da festa, e tem por finalidade acomodar e organizar os presentes em balaios e expô-los publicamente.

Figura 4 – Barracão onde são depositados os presentes da festa



Fonte: SANTOS, 2014.

Com janelas azuis e ladrilhos decorando a faixada, a pequena Casa de Yemanjá (Casa do Peso) funciona durante todo o ano como Sede dos Pescadores do Rio Vermelho. Construída para atender as necessidades dos pescadores (depósito dos instrumentos de pesca e do pescado), segundo Santos (2005, p. 188), com o passar dos anos, suas funções foram redefinidas pela dinâmica da festa. No dia 02 de fevereiro, a pequena casa dos pescadores torna-se o palco principal da Festa de Yemanjá, que, junto à orla da praia da Paciência e ao largo de Sant'Ana, formam um dos mais belos cenários da cidade.

Dentro da casa de Yemanjá, no compartimento principal, existe um pequeno oratório com a representação do Orixá em forma de sereia. Do lado de fora, na porta principal, a escultura de Yemanjá, também representada numa personificação metade peixe e metade mulher. A devoção perpassa o dia de Festa, e ambos os locais (dentro e fora da Casa de Yemanjá) recebem presentes que são depositados como forma de agradecimento e reverência. Como afirma Verger (2013), seus adeptos usam colares de contas de vidro transparentes e vestem-se, de preferência, de azul-claro. Fazem-lhe oferendas de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola.

A Festa de Yemanjá é comemorada em diversos países e estados do Brasil. Na Bahia, Salvador é a cidade que mais atrai e aponta com visibilidade a concentração de maior número de indivíduos, entre iniciantes, praticantes e curiosos com a finalidade de festejar o orixá.

O intenso fluxo de pessoas invade as ruas, avenidas e orla do bairro do Rio Vermelho, que se preenchem com a devoção, os batuques e oferendas e muita fé em Yemanjá (Figura 5).

Figura 5 – Dia 02 de fevereiro, dia de Festa de Yemanjá.



Fonte: SANTOS, 2014.

A festa possui denominação de “festa de largo”, dominação em Salvador de festas que ocorrem em locais mais abertos. A festa de Yemanjá tem como ponto de concentração uma praça local, uma das centralidades do bairro, e o entorno da Igreja de Sant’ana do Rio Vermelho. O referido bairro é modificado em toda sua estrutura com os festejos do dia 02 de fevereiro. Outros locais participam de forma mais discreta das comemorações, devoções e ofertas à Rainha do mar, a exemplo do Dique do Tororó na região central da cidade de Salvador.

Durante a festa, o fluxo de pessoas para a entrega dos presentes e oferendas respeita determinada organização: uma imensa fila é formada para quem deseja entregar seus presentes no barracão, e outra fila para quem deseja entregar diretamente na Casa de Yemanjá. Os presentes são acomodados em tradicionais balaios, cestos de palha adornados com as cores e os presentes mais queridos pela Orixá (figura 6 e 7), e tem como destino as águas do oceano (ou dos rios).

São ofertadas bonecas, sabonetes, perfumes, flores, jóias, bijuterias, pentes, espelhos, desodorantes, cremes hidratantes, etc. Junto aos presentes são encaminhados, por escrito, pedidos, agradecimentos e súplicas. A natureza dos presentes oferecidos liga-se às representações de Iemanjá como iabá, ou seja, orixá feminino (SANTOS, 2005, p. 189).

Figura 6 – Presentes são entregues como forma de devoção.



Fonte: SANTOS, 2014.

Figura 7 – Tradicional balaios.



Fonte: SANTOS, 2014.

A cidade de Salvador possui uma multiplicidade de funções e um amplo e diversificado calendário festivo. Destacam-se como práticas religiosas em território soteropolitano, durante todo o ano, ritos em honra aos orixás e santos católicos: Comemoração de blocos de matrizes africanas (Ilê Ayê e Afoxé), Lavagem do Senhor do Bonfim, procissão de Ramos, procissão marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, Festa de Reis e tantas outras manifestações religiosas e populares que ultrapassam os limites das igrejas, dos terreiros e escadarias, e ocupam rapidamente outros espaços, tornando-se verdadeiros espetáculos, reduzidos à mercadoria.

A festa exerce um poder simbólico forte sobre o imaginário social, destacando que este não se restringe apenas ao campo simbólico, como se este fosse segregado das demais relações sociais. Existe uma identidade de valores, de representações vividas no cotidiano da festa que percorrem desde o bairro onde a mesma acontece ao ponto-chave da festa – determinado por uma estátua, igreja ou qualquer outro ponto fixo que se torne referência.

Numa manifestação cultural onde sagrado e profano relacionam-se através da intensidade entre o elo/comunicação do indivíduo e sua divindade, reconhecemos como sagrado:

[...] um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade (ROSENDAHL, 2002, p. 30).

E o profano, como o espaço cotidiano comum, simplesmente um espaço não sacro; uma infinidade de lugares neutros, com circulação e movimentação de pessoas. Ainda segundo Rosendahl (1999, p.49), enquanto a missa, a procissão e o sermão representam a marca do sagrado oficial; a dança, as frequentes bebedeiras e as brigas testemunham o profano.

O sagrado tem seu espaço marcado na organização social da cidade, onde a vida urbana é recriada a cada período que marca o início da festa, assumindo em seu interior verdadeiras hierópolis – conceito utilizado por Rosendahl (1999, p.26) para definir espaços que possuem um caráter sagrado, sendo centros de convergência de peregrinos; aproximando-se da abordagem da autora, encontramos na Festa de Yemanjá alguns elementos importantes para nossa pesquisa.

Primeiro, o rearranjo espacial que a festa ocasiona no bairro. A cidade se organiza para receber os milhares de devotos que preenchem as ruas do Rio Vermelho com sua fé. O rearranjo espacial se dá de forma que permita a mobilidade e preze pela permanência e pela integridade desses devotos durante o festejo: isolam-se importantes vias de acesso, aumenta-se a segurança, disponibiliza-se mais transporte público, criando-se condições de acesso ao lugar sagrado.

Segundo, observa-se uma concentração comercial anexa ao espaço sagrado com atividades visando aos devotos. São atividades conhecidas e presentes todos os anos: vendas de artigos religiosos (santinhos, fitas, balaios, perfumes), serviços de alimentação e alojamento dos devotos que vieram de cidades distantes, banheiros, festas secundárias que oferecem diversões paralelas ao festejo e demais serviços. Conforme Rosendahl (1999, p.34), são essas atividades que definem o espaço profano. É importante salientar que sempre existiu essa relação entre religião e comércio, em alguns casos unidos. (figura 8).

Figura 8 - Religião posta à venda.



Fonte: SANTOS, 2014.

Os pontos comerciais podem ser fixos ou ambulantes: a valorização de cada ponto, ainda segundo Rosendahl (1999), decorre da acessibilidade do peregrino aos lugares de venda.

Terceiro, os espaços profanos possuem uma intermediação, seja ela comercial ou de qualquer outro teor, que interfere na compreensão do que é sagrado para adeptos da religião e participantes da festa.

A festa possui dois momentos, que podem estar relacionados: o momento das práticas e rituais religiosos que ocorrem em toda faixa de areia, nas imediações da Casa do Peso ou até mesmo na fila de espera para oferta de presentes. De acordo com Santos (2005, p.189), esses rituais possuem caráter religioso e são protagonizados pelo povo de Santo que deles participam; e o momento não religioso/profano, que abrange desde o setor comercial (vendas em geral) ao lazer secular.

Um jornal de circulação local destacou a existência desses dois momentos. O momento de práticas religiosas, do ser sagrado:

A parte da festa mais ligada ao âmbito religioso ocorre em dois pontos diferentes. Na praia: muita gente do axé, turistas e gente que quer uma aproximação maior com a Rainha do Mar. Na balaustrada e na área ao redor da colônia de pescadores, conhecida como Casa de Iemanjá, muita gente do axé de idade mais avançada, entre outros devotos sem ligação com religião de raiz africana (TRIBUNA DA BAHIA, 2014).

E o momento do ser profano, do não religioso:

E, ao redor, se afastando da faixa litorânea, uma multidão, mais interessada na “parte profana” lotava a Rua Guedes Cabral e o Largo de Santana, se espalhando pelas ruas transversais e alcançando a Rua Conselheiro Pedro Luiz, onde a festa ganha uma atmosfera mais jovem e carnavalesca. Para esses, a tartaruga de Iemanjá era menos interessante que a busca por marcas de cervejas variadas (TRIBUNA DA BAHIA, 2014).

Quarto, os agentes ativos (modeladores) – religiosos ou não religiosos – da festa de Yemanjá. De diferentes maneiras atuam as pessoas que participam no festejo. Os agentes encontrados: pescadores (que viram comerciantes em dias de festa), comerciantes (que intensificam o trabalho e se deslocam para os locais de intenso fluxo), moradores locais (que reverenciam a festa e vendem seus produtos “caseiros”), turistas (que dinamizam a economia e reverenciam a cultura local) e os peregrinos, esses últimos, segundo Rosendahl (1999, p. 25), possuem uma nítida intenção de devoção acompanhada do comportamento religioso, de pedir graças ou de agradecimento a uma graça obtida.

Quinto, o espaço sagrado em si. A história de tradição da Festa de Yemanjá inicia-se pelos próprios pescadores locais na colônia de pesca do bairro do Rio Vermelho. Afirma Rosendahl (1999) que o povo construiu, assim, o espaço sagrado, evidenciando a vontade divina na escolha do lugar destinado ao culto.

Um importante contraponto analisado entre a abordagem de Rosendahl e a festa de Yemanjá advém da perspectiva de estudo da autora sobre espaços profanos. Rosendahl faz uma análise numa perspectiva católica, logo, os espaços considerados sagrados no catolicismo assumem formas diferentes nas religiões de matrizes africanas.

Há uma dificuldade em delimitar o sagrado e o profano na festa de Yemanjá, já que os mesmos podem dividir o mesmo espaço. Ou seja, na faixa de areia que margeia todo circuito da festa, acontece o culto, a dança, os atabaques em devoção, manifestação e incorporação dos orixás mas também o comércio, as festas seculares e o lazer.

Cabe a nós acrescentar também nessa análise que a colônia de pescadores (ponto fixo) possui uma figuração de santuário, que exerce um poder de atração, atraindo um fluxo intenso, como estímulo espiritual e de crença religiosa compartilhada. Como define Rosendahl (1999), os santuários são pontos fixos, espaços sagrados de encontros, periódicos ou permanentes, para os quais convergem devotos de mesma prática ou crença religiosa.

Tais pontos fixos são o elo entre o urbano e o sagrado: o templo como elemento forte da conexão entre cidade e religião (ROSENDAHL, 1999, p. 14), exercendo um forte poder simbólico sobre o imaginário social.

3 DIMENSÃO ECONÔMICA

A festa de Yemanjá também se organiza em rede e estabelece relações entre o mercado e os bens simbólicos. Segundo Corrêa e Rosendahl (2003), a natureza do bem simbólico reflete o valor cultural e o valor mercantil do bem.

Nesta dualidade, a festa de Yemanjá se firma. De um lado, “o capital religioso”, concentrado e como instrumento de poder e articulação, ligado à economia e à política do capitalismo. Por outro lado, a padronização pelo poder público e pelas grandes empresas que patrocinam e fiscalizam a venda de seus produtos coloca em xeque a diversidade cultural da festa, que passa também a se nortear por interesses econômicos do mercado monopolista⁶. “A separação simbólica entre o saber sagrado e a ignorância profana é reforçada e acentua a distinção entre os produtores do sagrado dos consumidores dos bens simbólicos”, como afirmam Corrêa e Rosendahl (2003, s.p).

3.1 MERCANTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

O primeiro ponto a ser observado é o próprio espaço: Espaço urbano, cuja formação e reprodução são objetos de estudo da geografia.

O espaço está em uma constante reconfiguração, que se expressa em seus diversos recortes. O espaço urbano, segundo Corrêa (1989, p.9), é fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço.

A prática comercial e de consumo do e no espaço se intensifica com as transformações engendradas pelo modo de produção capitalista. A história, a cultura e o espaço são colocados à venda. Nesse contexto, o espaço urbano está ligado à dinâmica dos seus diferentes agentes e de seus interesses particulares. Segundo Santos (2009), as próprias relações sociais são modificadas já que condicionam e são condicionadas pela dinâmica da produção do espaço. Há também mudanças de funções frente aos interesses e demandas do capital. Na festa de Yemanjá, por exemplo, os pescadores se transformam (ou são transformados) em barqueiros e vendem sua força de trabalho

⁶ Forma de organização de mercado, nas economias capitalistas, em que uma única empresa domina a oferta de determinado produto ou serviço.

(Preço cobrado varia entre R\$5 – R\$30 reais) levando oferendas para locais distantes da costa.

Por outro lado, os espaços públicos exercem uma função essencial no desenho urbano e na produção da cidade. É nesses espaços que novas formas sociais e políticas surgem e a cidadania se enaltece. Os espaços públicos também produzem qualidade de vida. Algumas cidades procuram melhorar a imagem desses espaços – daí a proposta de espaços verdes públicos – permitindo a realização de diversas atividades, sejam elas esportivas, culturais e/ou políticas:

Os espaços públicos constituem elementos estruturantes da vida urbana visto que desempenham uma função produtiva de interesse coletivo pelo tipo de serviços que prestam, estimulam o desenvolvimento urbano, na medida em que ao contribuírem para a valorização da qualidade de vida e vivência urbana, reforçam a atração e a fixação de recursos humanos qualificados, para além de terem uma função de estruturação e de coesão do espaço urbano (MATOS, 2010, p.22).

Esses espaços podem ser categorizados como praças, parques, largos ou ruas, por exemplo. Os espaços públicos podem ser caracterizados a partir de três funções principais: acessibilidade, visibilidade e formas de uso.

Espaços públicos são aqueles que atendem à necessidade do coletivo, que estabelecem funções acessíveis a qualquer grupo social. Segundo Matos (2010, p.20), é um espaço “por natureza mais aberto e a primeira função que o distingue do espaço privado é a facilidade de acesso. O espaço público é de todos e de ninguém em particular, em princípio, todos o podem usar com os mesmos direitos”.

São lugares urbanos que dão suporte à vivência coletiva e ao mesmo tempo substratos para a emergência de conflitos sociais, significados e bens simbólicos. O uso do espaço urbano não se faz apenas de forma objetiva e individual (de acordo com dimensões como gênero, idade, classe social etc.), já que, segundo Matos (2010, p. 20), os espaços urbanos e os espaços públicos em particular “incorporam outros aspectos mais subjetivos, como as motivações, as aspirações e os valores dos indivíduos. A dimensão simbólica ganha mais força, os espaços passam a ser utilizados também pela sua imagem, qualidade e conforto”.

A visibilidade também confere importância ao espaço público, já que, assim, o mesmo torna-se atrativo aos olhos da sociedade. Afirma Ascher (apud Matos, 2010, p.20) que a visibilidade pode aumentar o caráter público do espaço, o que lhe confere certo “parentesco” com os espaços do espetáculo.

Adornado muitas vezes por um investimento paisagístico e arquitetônico “de primeira linha”, o espaço espetáculo atrai não apenas o público, mas o privado, principalmente em áreas centrais e turísticas. Segundo Serpa (2007, p.26), “esses espaços são projetados e implantados por arquitetos e paisagistas ligados às diferentes instâncias do poder local – verdadeiras ‘grifes’ do mercado imobiliário – tornando-os importantes instrumentos de valorização fundiária/imobiliária.”

Adentramos num importante ponto a ser observado: os espaços públicos e sua apropriação. Os espaços, antes de uso coletivo, tornam-se redutos de interesses individuais e/ou de grupos. Não apenas o espaço físico, material, mas toda construção simbólica que o acompanha, a exemplo das manifestações culturais e artísticas, são submetidos à lógica da privatização. Segundo Serpa (2007, p.34), “os espaços públicos são agora instrumentalizados pela lógica do capitalismo para multiplicar produção e consumo.”

3.2 FATORES DE PRIVATIZAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E DE UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL POPULAR

A privatização dos espaços públicos ofusca sua história e sua cultura, favorecendo a emergência de novas visões estabelecidas por segmentos do turismo, do mercado imobiliário, entre outros. O espaço deixa de ser um lugar de identidade, de construção vivida. O espaço vira um não-lugar, segundo Carlos (2002, p.26), “ao vender o espaço, produz-se a não identidade e, com isso, o não-lugar, pois longe de se criar uma identidade produz-se mercadorias para serem consumidas.” As relações sociais fragmentam-se num jogo de interesses, entre o que é público e o que é privado.

O bairro do Rio Vermelho, abordado como área de estudo por concentrar importante manifestação popular (festa de Yemanjá), tem seu contexto histórico distanciado do conhecimento popular em detrimento da conhecida e atual noite boêmia, tornando-se apenas um território de passagem.

A festa também perde sua essência religiosa frente ao lado profano, passando a ser marcada pela diversão e pela atuação comercial que visa ao lucro: “A alteração dos referenciais culturais das áreas de urbanização popular, a partir da mercantilização das suas manifestações artísticas, transforma radicalmente os espaços públicos populares” (SERPA, 2007, p. 34).

A festa de Yemanjá é uma reconhecida manifestação popular de largo. É no largo de Santana, também conhecido como largo de Dinha (em referência ao acarajé de uma baiana já falecida de nome Dinha e comercializado em seu espaço), que se concentram as atividades comerciais em dia de festa:

Como a maioria das festas de largo de Salvador, acontece em paralelo aos festejos religiosos, uma grande festa de largo que se estende, com muita animação, até a madrugada do dia seguinte. No largo de Santana, próximo à Igreja, e nas ruas laterais são armadas barracas, frequentadas por muita gente que, depois de depositar os presentes nos grandes balaios, reúne-se nas barracas para beber e cantar num animado samba-de-roda (VISITE A BAHIA, 2014).

O largo é um exemplo emblemático de área que assume essa condição de espaço público que foi privatizado de modo a atender interesses particulares de estabelecimentos instalados ali, a exemplo Bares (Bola 8, Santa Maria Nina e Pinta), boates (Europa), restaurantes (Padaria bar) . Num simples passeio à noite pelo bairro, é comum encontrarmos o largo repleto de mesas e cadeiras pertencentes aos bares e quiosques comercializando seus produtos, muitas vezes limitando e dificultando a passagem de pedestres.

O primeiro (e principal) indício de mercantilização do espaço público é a própria comercialização de bens de consumo e de serviços, muitas vezes sustentado pelo discurso de “parcerias público-privadas”. Na festa de Yemanjá, a venda de uma única marca de cerveja em todo circuito é um forte indicativo de um monopólio de bebidas que se instalou na capital baiana no contexto de uma festa popular. Segundo o secretário de Desenvolvimento, Turismo e Cultura, Guilherme Bellintani, numa entrevista à imprensa baiana (BAHIA NOTÍCIAS, Fevereiro de 2014), a escolha de uma única marca para comercialização no festejo está de acordo com um pacote de exclusividade firmado entre a prefeitura de Salvador e a Brasil Kirin, num investimento para três grandes festas de visibilidade que aconteceram na capital baiana no ano de 2014: Réveillon, Carnaval e o dois de fevereiro (Festa de Yemanjá).

A Brasil Kirin, dona da marca Schin e subsidiária do grupo global Kirin Holdings Company, é uma das principais empresas de bebidas do País. Segundo informações do site da empresa, com 13 fábricas em 11 estados brasileiros e mais de 10 mil funcionários, possui um portfólio de marcas já conhecidas como Schin, Schin no Grau, Devassa, Água Schin, entre outras.

Desse acordo, cerca de R\$ 110 mil reais - ainda segundo informações divulgadas pela imprensa baiana: TRIBUNA DA BAHIA, Janeiro de 2014. – seriam

investidos na colônia dos pescadores para reformas do local. A destinação desse dinheiro para reformas locais geram, no entanto, desconfianças entre os pescadores da colônia. Numa entrevista com José⁷, pescador local, o mesmo desconhece a existência desses investimentos no local:

esse investimento que eles fizeram não foi em benefício do pescador. Foi em benefício ao Mercado do Peixe, que fica aqui próximo, no Largo da Mariquita. Eles fizeram uma reforma no mercado, onde tem bares e restaurantes que só vendem marcas exclusivas deles.

Em festas populares, nas quais a diversidade é uma marca registrada, ações que limitem o paladar e a preferência da população causam insatisfação e provocam ações que burlam a chamada “ditadura da cerveja”. A fiscalização sobre os ambulantes que vendiam cervejas de marcas não autorizadas no circuito da festa era intensa. Segundo informações levantadas no site da Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município (SUCOM), cerca de 600 agentes fiscalizadores apreendem mercadorias de marca não autorizada. Para os participantes da festa, o jeito era comprar nos circuitos secundários, nas ruas transversais à Rua da Paciência.

A mercantilização também está voltada para a venda de produtos religiosos. Em todo circuito e durante toda a festa vendedores se espremem entre a multidão e concorrem entre si na venda de apetrechos religiosos para aqueles que deixam pra comprar o presente de última hora. A partir da análise das enquetes aplicadas, 60% e 55% consecutivamente, preferem comprar os presentes no dia e no local da festa devido à facilidade e praticidade. De flores e perfumes a “kits balaios”, das miniaturas do Orixá ao tradicional banho de folhas, a religião é posta como produto de consumo.

Gráfico 03 – Local de compra dos presentes ofertados



Fonte: SANTOS, 2014.

⁷Nome fictício. Pescador há mais de 20 anos e que utiliza a pesca como renda principal de sustento. PESCADOR, José. Entrevista I. [agost. 2014]. Entrevistador: Jullie Souza de Santana. Salvador, 2014. 1 arquivo .mp3 (30 min.).

Outras evidências desta lógica mercantilista são o marketing e o *merchandising*, formas de privatização principalmente “visual”. Tudo o que é produzido para e a favor do mercado, segundo Soares (2006, p. 4), “utiliza-se do marketing e das estratégias publicitárias que estruturam subjetividades determinando um esquema para a produção e o consumo”. Essas estratégias estabelecem jogos de significados utilizando-se da cultura, da literatura, da poesia e das manifestações enraizadas na cultura popular. Para Soares (2006, p.4), a cultura e a arte nesse jogo econômico são também signos de consumo, que, em suas novas significações fetichizadas, “suplantam o sensível e são artificializados junto ao consumo da cidade-mercadoria (...) nesse cenário o *merchandising* e a publicidade são coadjuvantes na espetacularização do consumo urbano”.

Na festa de Yemanjá, o tradicional azul e branco da festa é substituído pelas conhecidas cores laranja e branco da marca de cerveja por todo circuito, seja nas roupas dos comerciantes, nos pontos de venda ambulantes ou quiosques fixos, nos balões, faixas e papéis de divulgação da marca atrelada à festa. A paisagem antes natural, que dava vista à orla de Salvador, é substituída pela paisagem “comercial” através dos barracões de venda da marca Schin (figuras 9 e 10).

Figura 9 - Paisagem "natural" da orla de Salvador é substituída pela paisagem comercial.



Fonte: SANTOS, 2014,

Figura 10 - Venda de uma única marca é obrigatória em todo circuito de festa, o que desagrada vendedores e compradores.



Fonte: SANTOS, 2014.

O merchandising favorece promotores e grandes investidores do mercado em detrimento do esforço dos trabalhadores locais, na maioria das vezes numa barganha das mais injustas. É o que afirma o pescador José quando indagado sobre a atuação da marca Schin na festa de Yemanjá e a relação da cervejaria com os pescadores locais:

Eles davam umas quantidades de caixa de cerveja para os pescadores colocarem umas bandeiras da Schin no barco (...) eles estavam se aproveitando da situação, eles acham que todos os pescadores são ignorantes, que vão se vender por 4 ou 5 caixas de Schin (...) pra colocar a bandeira e deixar o barco aí dentro do porto. Aí o mundo todo vê o porto, né? O movimento dos barcos... e a bandeira ali tá fazendo a propaganda, né? Aí o pescador ignorante acha que tá ganhando porque ganhou 5 a 10 caixas de cerveja. Mas quem tá ganhando é a Schin, que tá ganhando milhões divulgando a cerveja!

Outro ponto observado é a visibilidade desses espaços para o turismo. A história e a cultura populares são colocadas na vitrine do mercado consumidor. O consumo cultural tornando-se o novo motor para os investimentos do capital e um atrativo turístico, como afirma Serpa (2007, p.107):

Essa nova (velha) cidade folcloriza e industrializa a história e a tradição dos lugares, roubando-lhes a alma. É a cidade das requalificações e revitalizações

urbanas, a cidade que busca vantagens comparativas no mercado globalizado das imagens turísticas e dos lugares-espetáculo.

3.3 O TURISMO E A FESTA DE YEMANJÁ

O turismo é um fenômeno social que movimenta a economia e está intimamente relacionado ao meio ambiente. É uma atividade que produz espaços delimitados e espacialmente destinados a determinado tipo de consumo – seja ele da natureza, religioso, cultural etc.

O turismo está também atrelado às questões ambientais, relação evidenciada por ações de exploração do espaço que muitas vezes desrespeitam o meio natural e sua conservação. O turismo envolve ainda fatores socioculturais que não devem ser desassociados das ações do homem moderno. Conforme Guatari (1991 apud MENDONÇA, 2001, p. 20), a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecanosfera e universos de referências sociais e individuais.

O envolvimento do turismo nas manifestações culturais locais desperta o interesse das pessoas pelos lugares, revelando e consolidando novos roteiros turísticos. É necessário um planejamento que busque a preservação dos espaços perante a dinâmica do turismo, já que a falta deste pode conduzir a irreparáveis perdas na paisagem e na cultura. É necessária a elaboração de um plano de desenvolvimento local, no qual a população seja parte ativa do processo de construção, já que, como afirma Mendonça (2001, p. 23), as comunidades nativas conhecem muito bem as características ecológicas do meio natural e seu limite de saturação. A participação da sociedade de forma ativa nos processos de planejamento e gestão pode efetivar, portanto, parâmetros da sustentabilidade.

No Brasil, o turismo religioso cresceu e se tornou um segmento que envolve uma grande movimentação de pessoas, que se deslocam de seu local de origem impulsionados pela curiosidade, pelo lúdico ou motivadas pela fé. Segundo Serra (2000, apud Santos, 2005, p. 163), há um enfraquecimento do sentido religioso das festas de largo e sua transformação em fenômeno de massa, o que as leva a assumirem características de prévias carnavalescas, em especial aquelas ocorridas durante o verão.

Turismo religioso, de acordo com Ribeiro (2010, p. 7), pode ser definido como aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas ou

para participação em eventos de caráter religioso. Compreende eventos como romarias, peregrinações e visitação a espaç os, festas, espetáculos e atividades religiosas.

O turismo religioso assemelha-se ao turismo cultural devido à expressividade de grupos sociais ou ao contexto histórico-cultural da região onde está inserido, como afirma Dias (2003, apud Ribeiro, 2010, p. 9): o turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido às visitações que ocorrem num entorno considerado como patrim nio cultural.

Considerada e divulgada pela Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia (SETUR) como a terceira maior manifestação religiosa do estado, a festa de Yemanjá movimenta por ano uma média de 500 mil pessoas na orla do bairro do Rio Vermelho, segundo dados da Polícia Militar do Estado da Bahia.

A visibilidade social (e cultural) que a festa possui perpassa fronteiras. Em dia de festa, é comum encontrarmos turistas de outras cidades do estado, de outras regiões do país e até mesmo de outros países, que são atraídos pelas performances, músicas, ritos e manifestações para Yemanjá, além de outras atividades que ocorrem nos mesmos espaç os, como o samba de roda e a capoeira (figura 11 e 12).

Figura 11 - Roda de Capoeira no circuito principal da festa.



Fonte: SANTOS, 2014.

Figura 12- Samba de roda que anima os participantes da festa de Yemanjá.



Fonte: SANTOS, 2014

A partir da década de 1960, a festa de Yemanjá passa a fazer parte do calendário oficial de festas baianas e a ter incentivo do estado (principalmente em divulgação), proporcionando ao festejo visibilidade nacional. Afirma Santos (2005) que é apenas nos anos 1970, no entanto, com a maior institucionalização da atividade turística promovida pelo governo de Antônio Carlos Magalhães, que se reconhece seu potencial turístico, fato que lhe confere novas dimensões.

O turismo religioso em Salvador é também pautado na figura do negro e no candomblé, tornando-os itens de interesse comercial como tantos outros. Segundo Santos (2005, p.202), a publicização do candomblé no espaço público para fins turísticos foi implementada pelos órgãos de turismo do estado desde a década de 1970, ganhando novo impulso nas décadas de oitenta e noventa do século XX.

A festa afeta diretamente os setores formais e informais da economia, segundo Santos (2005, p.160), “fazendo com que as atividades turísticas ocupem um lugar de destaque no conjunto de políticas públicas”.

A cidade se reorganiza para receber a festa. São criadas novas rotas de circulação que facilitem a locomoção do público participante e a entrega dos presentes;

o esquema de segurança policial é intensificado, como disse Tio Souza⁸ em entrevista: *“o próprio lado profano não lhe dá a mínima segurança de você participar, porque tudo hoje está recheado de violência, tudo hoje recheado de medo, insegurança total!”*; outras facilidades são implementadas para os turistas, de modo a atrair e manter a permanência das pessoas em dia de festa e seu retorno nos anos seguintes. O processo de planejamento e operação de evento de grande porte é de certa forma complexo, na medida em que demanda articulação de atores governamentais e não governamentais. São investimentos privados e públicos que buscam proporcionar melhorias e adequar o espaço ao público participante na festa-espetáculo:

A mídia e a política transformam, parcialmente, o ritual em espetáculo religioso com fins comerciais. Trajetos são alterados em função do turista. Fotos e reportagens fazem do evento um “turismo religioso”. Mas qual o significado das festas para quem as vivencia? Há aí um paradoxo entre o olhar que mira do exterior, o turista; e o olhar que mira do interior das tradições, o peregrino, o fiel (SILVEIRA, 2007, p.43).

Na contemporaneidade, a apropriação desses espaços simbólicos e religiosos contribui na modificação da concepção do sagrado e do profano, demonstrando finalmente que consumo e mercado se fazem presentes em ambas as concepções, “pois tanto o peregrino quanto o turista consomem objetos, peças artesanais ou industrializadas (...) produzindo significados para sua situação social e sua conduta, por sua vez ligada a diferenciações culturais e econômicas” (SILVEIRA, 2007, p.47). De fato, a globalização promoveu esse intercâmbio entre turismo e religião quando introduziu entre eles a mercantilização, a cultura, o lazer, o prazer, o consumo e o comércio.

⁸ Valdemar José de Souza, popularmente conhecido como Tio Souza. Como o próprio se define, adepto da religião de matriz africana, com grau de Babalorixá. É conhecido por integrar a diretoria do bloco carnavalesco Filhos de Gandhi.

4 DIMENSÃO AMBIENTAL

A palavra “ambiental” nunca foi tão usada como no último século. Está constantemente relacionada a termos como “desenvolvimento sustentável”, “preservação” e “conservação”. Não é para menos, o intenso desenvolvimento (e investimento) nos setores industriais e comerciais atenuam a atenção a um dos mais graves problemas ambientais urbanos no Brasil gerados por essas atividades: os resíduos sólidos. Entende-se como resíduos sólidos todo material descartado e gerado pelo homem:

Material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade. E cuja destinação final se procede (...) nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos, em recipientes e líquidos, cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgoto ou em corpos d’água, ou exijam para isso soluções técnicas ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível (BRASIL, Lei nº 12.305 de 02 de agosto de 2010).

Segundo Rodrigues (2002, p. 60), o mercado que movimenta a economia, transforma e reorganiza os espaços, é o mesmo que produz mercadorias descartáveis que alteram ou desequilibram os ecossistemas. Termos como “consumo produtivo/consumo destrutivo” e “ocupação produtiva/ocupação (produção) improdutivo” fomentam uma análise crítica sobre a relação sociedade-natureza, para a qual esta autora toma como base os estudos de Jean Brunhes⁹.

Segundo Brunhes (1962 apud RODRIGUES, 2009), as ocupações produtivas são aquelas onde os elementos da natureza se recompõem no tempo e no espaço, a exemplo da agricultura. Brunhes define as ocupações/produções destrutivas como sendo os processos que retiram a possibilidade de recomposição dos elementos da natureza: as atividades extrativistas de qualquer finalidade e os setores de exploração comercial, de bens e serviços, secundário e terciário (comércio, exploração imobiliária, indústria, vias de circulação e outras atividades semelhantes).

Em tempo, a ocupação/produção destrutiva domina perante a ocupação/produção construtiva, inclusive nos espaços onde antes havia o domínio do “construtivo”. A ocupação/produção destrutiva foi impulsionada no século XX com a intensificação dos processos tecnológicos, para além da cidade e incluindo o campo,

⁹ Jean Brunhes (1869-1930), primeiro geógrafo francês a apresentar de forma nítida, simples e sistematizada um ensaio sobre os fenômenos geográficos relacionados à atividade humana, sendo o primeiro a cunhar o termo “Geografia Humana”, em substituição à “Antropogeografia” de Ratzel (ROSA, 2012).

fato que, segundo Rodrigues (2009, p. 184), se acentua com a revolução agrícola, que promoveu um aumento de produtividade em um curto período de tempo.

O domínio do “destrutivo” atinge não somente os elementos da natureza, mas desarranja toda uma teia de relações sociais, com a intensidade de uso do espaço, interferindo também na configuração do território. “O avanço da tecnologia altera a forma e o conteúdo do espaço, do território e das relações societárias” (RODRIGUES, 2009, p. 187).

O espaço e o território passam a ter uma nova valorização, não mais como riqueza natural, mas calcada nos investimentos do capital, por exemplo, segundo Santos (1996 apud RODRIGUES, 2009), com a compra e o uso de produtos químicos, pesticidas, máquinas e implementos agrícolas. Ampliam-se as relações norteadas pelo valor de troca, que se distanciam do uso e do que é palpável, dando ao espaço a feição de mercadoria.

Os resíduos estão entre as consequências das novas ocupações/produções destrutivas e fazem parte da nova dinâmica de exploração do capital. A difusão em ampla escala desses materiais, abstraídos de uma utilidade final, gera problemas de poluição, já que tais resíduos não mais se incorporam à sua base de origem.

Segundo Rodrigues (2009, p.188), “quando os problemas referentes à poluição atingem a esfera mundial, é forjada uma forma de continuar com o dito desenvolvimento, adicionando-lhe o adjetivo ‘sustentável’”. Para as mazelas provocadas pela exploração do sistema, o planejamento surge como aparato de correção e a esse planejamento ideal damos o nome de “desenvolvimento sustentável”:

Nas ideias contidas no desenvolvimento sustentável, os problemas de poluição, dilapidação de riquezas naturais, falta de moradia, de infraestrutura, de equipamentos, meios de consumo coletivo, crises de energia, de transportes, entre outros atribuídos aos desvios de um planejamento, poderão ser corrigíveis no século XXI, desde que haja aplicação de recursos financeiros e tecnologia, provenientes dos países do centro do sistema (RODRIGUES, 2009, p.188).

Nunca antes foi tão amplamente levantado o termo “sustentabilidade”, que está em quase a totalidade das vezes acompanhado pelo homônimo “desenvolvimento”. As grandes empresas já produzem seus discursos sob a ideia do ser e crescer (se desenvolver) de maneira “sustentável”. Para demonstrar tal discurso, tomamos como exemplo a empresa Brasil Kirin, em seu relatório de sustentabilidade (2013, p. 26):

Ser sustentável para crescer e se *desenvolver* de forma constante e transformadora passou a ser parte da estratégia de negócios da Brasil Kirin (...) Essa transformação

cultural, iniciada em 2012, vem amadurecendo desde então, movida pelo novo posicionamento estratégico da companhia: foco no entendimento do consumidor, desenvolvimento de produtos que conciliem indulgência e benefício social, além da geração de um modelo de trabalho cada vez mais inovador e sustentável.

Aos poucos, todos os setores da economia estão adotando estratégias que incorporam a questão ambiental. Na indústria, os padrões definidos pela ISO 14.000, que correspondem a um sistema de gestão ambiental, formulam requisitos que visam a permitir a organização e a formulação de políticas que levem em consideração as informações referentes aos impactos ambientais significativos. Mas são essas mesmas indústrias e grandes corporações que adotam medidas zelando pelo meio ambiente que promovem a destruição dos recursos naturais e os exploram com toda a magnitude de suas técnicas. Contraditoriamente, segundo Rodrigues (2009), são erigidas ao patamar máximo de protetoras do meio ambiente.

Dentre as estratégias adotadas, ainda utilizaremos como exemplo a Brasil Kirin, que afirma assumir uma série de iniciativas inovadoras, prezando e reduzindo os impactos ambientais. Segundo o relatório de sustentabilidade de 2013, como forma de gerir e acompanhar os resultados dessas iniciativas, a companhia instituiu o Índice Geral de Sustentabilidade (IGS) que é composto por determinados indicadores ambientais e auxiliam no mapeamento de aspectos voltados à gestão ambiental: Materiais recicláveis, emissões de gases de efeito estufa, resíduos da cervejaria e atendimento aos parâmetros de efluente tratado.

Mas, quando colocado em questão, o desenvolvimento sustentável não se sustenta: desenvolvimento sustentável para quem? Estratégias e “conscientização ambiental” para quem? Haveria equidade na adoção do discurso “sustentável”? No final, a responsabilidade pelos danos ambientais recairá sobre aqueles de menor poder aquisitivo, atribuindo-lhes a responsabilidade por uma exploração destrutiva que estaria na origem de todos os males.

O Estado tem papel fundamental na influência do comportamento do consumidor e nas ações que incentivem e limitem o desenvolvimento econômico considerando o meio ambiente:

Os governos podem exercer um papel mais ativo para ajudar os usuários a desenvolverem estilos de vida menos materialistas e com menor intensidade poluidora, atuando para estimular as ações dos usuários acima dos níveis atuais, explicando melhor os objetivos dessas ações e reforçando as políticas para o enfoque do consumo sustentável (AZEVEDO, 2004, p.54).

Os instrumentos políticos utilizados pra fins de prevenção, mudanças no modelo de produção e consumo bem como gestão de resíduos, segundo Azevedo (2004), vão de uma estrutura de bens de consumo e serviços que internalize os custos e benefícios ambientais, a um ambiente educacional de aprendizado e rico de informações que motive e permita a ação dos consumidores (Figura 13).

Figura 13 - Instrumentos políticos de governo para prevenção e gestão dos resíduos

PADROES DE PRODUÇÃO	PADRAO DE CONSUMO DO USUÁRIO	GERAÇÃO E COLETA DE RESÍDUOS	SISTEMAS DE GESTAO DE RESÍDUOS
INSTRUMENTOS ECONÔMICOS Taxa p/ embalagem Incentivos econômicos p/ produção mais limpa e prevenção de resíduos INSTRUMENTOS DE CONTROLE Padrões ambientais Eco-etiquetagem ENFOQUES VOLUNTÁRIOS/ INOVAÇÃO TECNOLÓGICA Três aspectos: social, econômico e ambiental Eco-design Desmaterialização Mudança de produtos p/ serviços	INSTRUMENTOS ECONÔMICOS Esquemas de depósito/ retorno Taxas em produtos descartáveis e embalagens INSTRUMENTOS DE CONTROLE Eco-etiquetagem INSTRUMENTOS SOCIAIS Educação ambiental Informação p/ compras verdes Apoio às iniciativas voluntárias	INSTRUMENTOS ECONÔMICOS Taxas e tarifas de resíduos Pay-as-you-throw INSTRUMENTOS DE CONTROLE Responsabilidade estendida ao produtor Regulamentação dos esquemas de coleta e reciclagem de resíduos Provisão de infraestrutura p/ reciclagem INSTRUMENTOS SOCIAIS Informação sobre os esquemas de reciclagem Apoio às iniciativas voluntárias	INSTRUMENTOS ECONÔMICOS Taxas para disposição e incineração INSTRUMENTOS DE CONTROLE Estrutura baseada na hierarquia dos resíduos Regulamentação ambiental sobre gestão de resíduos Punição para aterro Metas para reduzir aterro e incineração de resíduos Metas p/ aumentar as taxas de reciclagem INOVAÇÃO TECNOLÓGICA Recuperação de energia da incineração Tecnologia mais limpa

Fonte: OECD, 2002 apud Azevedo, 2004.

Por outro lado, a conscientização ambiental ainda é, teoricamente, o instrumento social mais utilizado quando nos referimos às mudanças no modelo de produção e consumo da sociedade:

A conscientização e a educação ambiental são forças indutoras para participação do consumidor nos esquemas de reciclagem e comportamento para a compra verde. A consciência ambiental é alcançada por campanhas informacionais públicas ou por meio de ONGs, e, também, pela cobertura geral da mídia nas questões ambientais (OECD, 2002 apud AZEVEDO, 2004, p. 54).

Na prática, a falta de infraestrutura e políticas públicas que atuem paralelamente às ações de conscientização é o condicionante para a pouca ou nenhuma aplicação dessas ações no cotidiano dos cidadãos.

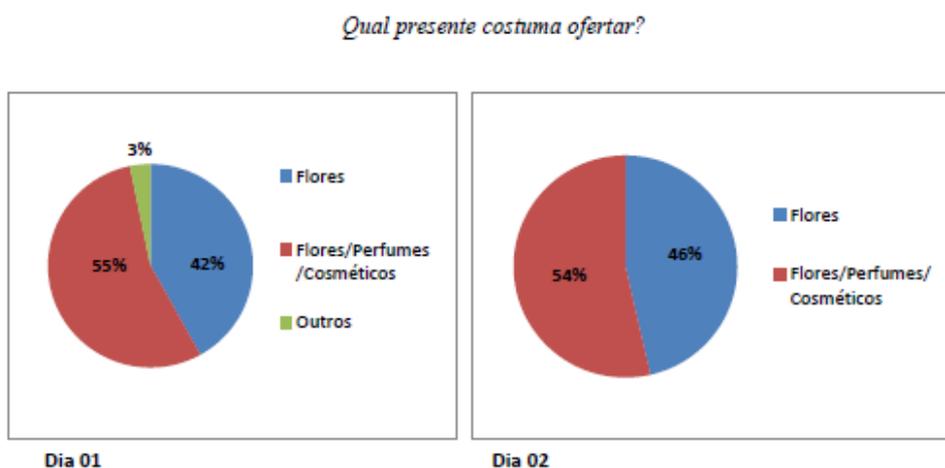
4.1 ANÁLISE SOBRE A QUESTÃO AMBIENTAL NA FESTA DE YEMANJÁ

A partir daqui, traremos a discussão levantada inicialmente neste capítulo para o contexto da Festa de Yemanjá, com a explanação dos resultados da pesquisa. O primeiro olhar será na perspectiva de qualidade ambiental e dos resíduos sólidos: Qualidade ambiental esta alterada pela perda do controle sobre os espaços naturais na presença de um contingente populacional fora do comum – a exemplo do local onde ocorre a festa.

Esta qualidade ambiental é alterada também pelas mudanças de hábitos. “Passa-se do copo de vidro, da garrafa de refrigerante até então reutilizáveis, para os copos de plástico, as latas em alumínio das bebidas, etc.” (RODRIGUES, 2002, p. 61), fato que não é acompanhado por uma reestruturação eficiente do sistema de coleta, para reutilização e reciclagem desses novos materiais.

Na festa de Yemanjá o discurso ambiental precisa ser visto e analisado a partir de alguns pontos específicos. Primeiro, uma contradição que merece destaque: entre prática e teoria. No intuito de observar como se dá tal conflito, três perguntas foram elaboradas e aplicadas na festa de Yemanjá no que tange aos presentes ofertados, ao modo de oferta e acomodação dos presentes e à percepção do que é “ser sustentável” para os participantes da festa. O gráfico 04, a seguir, sintetiza estes resultados:

Gráfico 04 – Comparativo de presentes ofertados



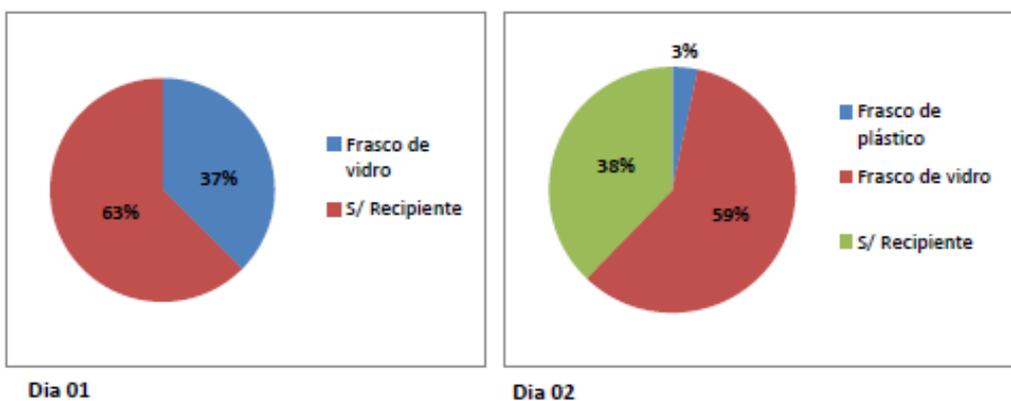
Fonte: SANTOS, 2014.

Embora os gráficos revelem dados que, de certa forma, eram previstos, devido à tradicionalidade da festa, é interessante observar o valor simbólico de cada oferta e a constituição material de cada presente.

A maioria dos entrevistados, assim como dos participantes, leva consigo conhecidos apetrechos que visam a agradecer a Rainha do Mar. Do mais tradicional e mais comum, as flores (42% do total de presentes ofertados por nossos entrevistados no dia 01 e 46% no dia 02), ofertadas diretamente e individualmente ao mar; ao mais “caprichado”, que envolve um conjunto de presentes, como sabonetes, pentes, esmaltes, perfumes, bijuterias, bonecas e afins, que são acomodados em cestos de palha, os convencionais “balaios” (55% e 54% respectivamente). Cerca de 3% dos entrevistados no dia 01 ofertaram presentes criados por eles mesmos, como músicas, poemas, comidas e cartas.

Gráfico 05 – Composição material dos presentes ofertados

Em qual tipo de material se acomoda o perfume?



Fonte: SANTOS, 2014.

Os tipos de material que compõem os presentes se diversificam a depender das oferendas. Vidro, plástico, isopor, palha, material orgânico, madeira, aço, metal e papel se misturam nos presentes ofertados no contexto do festejo. A pesquisa procurou identificar de que modo um dos presentes mais tradicionais – os perfumes – são ofertados em dia de festa. De acordo com o gráfico 05, no dia 01 de fevereiro, 63% das pessoas abordadas retiram o líquido e descartam o vidro, enquanto que 37% ofertam – seja no mar ou no barracão – os perfumes com seus frascos originais. No dia 02, 59% ofertam os perfumes da forma como os mesmos são comprados, em frascos de vidro;

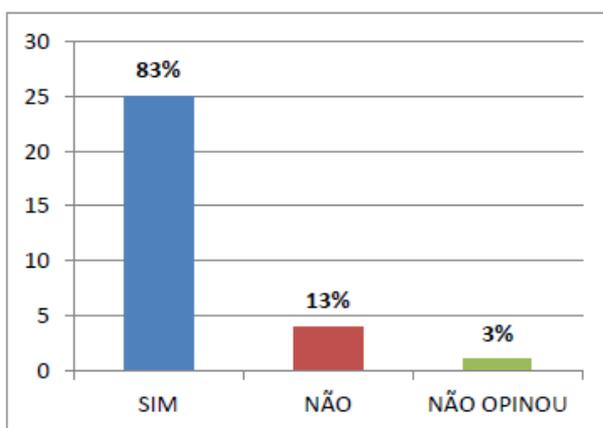
38% retiram o líquido, despejam sobre o balaio ou diretamente no mar e descartam o vidro; 3% afirmaram utilizar frascos de plástico.

Apesar de alguns de nossos entrevistados afirmarem que entregavam os perfumes nos frascos de vidro com a certeza de que os mesmos seriam retirados no barracão por algumas pessoas que organizavam a entrega dos presentes, é possível destacar algumas observações:

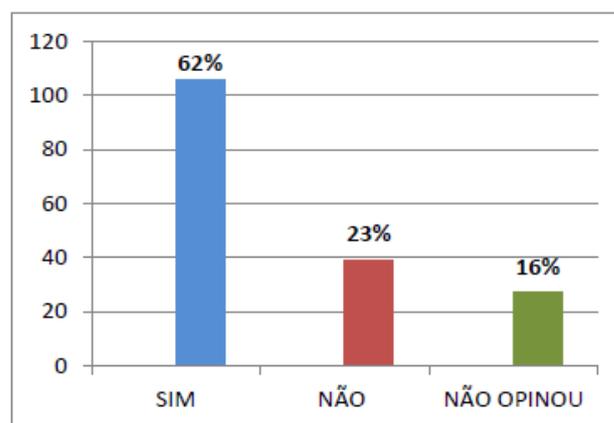
- (i) Em relação ao local de entrega, não existia gente suficiente para receber os presentes e fazer a retirada do perfume dos frascos.
- (ii) Quando o vidro era retirado, não existia um local de coleta adequado, deixando no chão o material descartado, ao lado do barracão e sem qualquer proteção, trazendo riscos inclusive aos transeuntes.
- (iii) O perfume não era o único “vilão”. Era possível observar diferentes materiais que levantam a mesma preocupação e para os quais não é dada a mesma relevância em termos de risco: Plásticos (que compõem a maioria dos presentes, como os pentes, adornos, fitas, bonecas, esmaltes e bijuterias); Alumínio (que compõe também a decoração do balaio); Isopor (decoração do balaio ou acomodação de alguns presentes); Madeira (compõe miniatura de embarcações que são enviadas como balaio); Tecidos e Parafinas.

Gráfico 06 – Concepção de presente sustentável

Há preocupação na concepção de um presente sustentável?



Dia 01



Dia 02

Fonte: SANTOS, 2014.

A última pergunta formulada a nossos entrevistados questionava sua preocupação com a concepção de um presente “sustentável” para Yemanjá. Apesar da pergunta ser um tanto direcionada, é curioso perceber a dialética presente no discurso da sustentabilidade. Há uma contradição entre a teoria e a prática. Conforme pode ser observado (Gráfico 06), 83% do total de entrevistados no primeiro dia e 62% no segundo dia mostram uma preocupação com a concepção dos presentes de modo que a confecção destes não interfira na dinâmica ambiental, ocasionando desequilíbrios ao meio ambiente. A contradição aparece nas respostas às perguntas seguintes, sobre a forma como alguns presentes são ofertados – em frasco de vidro ou de plástico ou sem recipiente, mas também sem descarte correto do recipiente original de vidro/plástico.

Dos que afirmaram não se preocupar com tal questão, 13% e 23%, respectivamente nos dias 01 e 02, admitiram seguir a forma como lhes foi ensinada/repassada a “tradição” das oferendas. Foi o que relatou um dos participantes da festa: “Faço como manda a religião” (H, 31 anos). Alguns poucos não souberam ou se recusaram a responder (3% e 16% respectivamente nos dias 01 e 02) por serem flagrados por nossa pesquisa nessa contradição.

4.2 OS AGENTES DA FESTA E A QUESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS

O segundo olhar lançado a partir de uma perspectiva ambiental refere-se ao destino dos resíduos sólidos. Tais resíduos não são tratados de forma satisfatória e não há uma política pública eficiente para a gestão destes resíduos nos dias que antecedem, no dia propriamente dito e nos dias subsequentes da/a festa de Yemanjá.

A participação de alguns agentes significativos da festa no que concerne à questão dos resíduos sólidos se dá de modo superficial. A Brasil Kirin, maior patrocinadora da festa e que tem seus produtos comercializados no circuito do festejo, em seu relatório anual de sustentabilidade¹⁰ (2013), evidencia de maneira geral, como proposta para a gestão de resíduos, parcerias com cooperativas de catadores/reciclagem e o estímulo à coleta, à separação e à reciclagem dos resíduos. Em momento algum no período da festa foi percebida por esta pesquisadora qualquer ação efetiva da empresa em relação à coleta e à limpeza ou a atuação de cooperativas parceiras. A principal

¹⁰. O relatório não aborda critérios específicos para grandes eventos, a exemplo da festa de Yemanjá.

forma de ação utilizada pela companhia para chamar atenção quanto à questão dos resíduos ainda se limita aos símbolos indicativos – de reciclagem, retornáveis e de descarte seletivo de lixo – que acompanham todas as embalagens dos produtos comercializados.

Em 2013, os dizeres de rotulagem de todas as embalagens descartáveis (lata/PET/vidro/secundárias) passaram por revisão para inclusão do símbolo de descarte seletivo de lixo, conforme o padrão da Associação Brasileira de Embalagens, que segue a recomendação do Plano de Produção e Consumo Sustentáveis do Ministério do Meio Ambiente (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE, 2013, p. 33).

Apesar de todo impacto ambiental proveniente dos resíduos sólidos, a empresa acredita não haver impactos negativos reais nos locais onde a marca está inserida. Infelizmente, essa afirmação não condiz com a realidade de quem vive e utiliza o mar como sustento. O pós-festa se resume a muito lixo em toda orla oceânica, modificando o cenário de beleza da praia onde ocorre a festa e de seu entorno: “É feio demais, a gente sai daqui e anda 30km, você acha que vai ver aquele mar bonito, azul... mentira, é meio mundo de lixo!” (Fragmento da entrevista com o pescador José, 2014). O mesmo pescador evidencia em sua fala os riscos dos resíduos à biota:

Um colega outro dia pegou um cação que estava enroscado nessas fitas plásticas que colocam nessas embalagens... o peixe passou por dentro da fita, ficou atravessado pelo meio, o peixe era pra dar uns 70kg, estava com 30kg. Ficou com a cabeça grande e o corpinho pequenininho! Fora dizer que tartaruga, golfinho... tudo morre! É tudo prejudicado (Fragmento da Entrevista com o Pescador José, 2014).

O entrevistado também expressa sua insatisfação com as condições ambientais locais para exercer seu trabalho:

Olha, a única coisa que a gente sente que mudou é a coisa da poluição. Em dias de período de festa então... antigamente um peixe que a gente pegava a 5km daqui, hoje a gente tem que sair 15, 20km. O tempo vai passando e não vai melhorando nada, só piorando (Fragmento da Entrevista com o Pescador José, 2014).

Quando indagado sobre a melhor forma de equilibrar as oferendas em dia de festa e a questão ambiental, a solução encontrada/sugerida por alguns desses trabalhadores locais (pescadores), mesmo que às vezes de modo que pode ser considerado ingênuo, é a conscientização, feita por eles próprios em dia de festa aos ofertantes:

Porque nós pescadores que vivemos com o mar, às vezes tentamos educar o pessoal que vem aqui pra não jogar lixo no mar, um negócio que prejudica, né? Porque a gente como pescador cansa de pegar peixe aí deficiente por causa de lixo (...) tem muitas pessoas que trazem balaio, aí tá com plástico, todo enfeitadinho aqui. Aí você vai chegar pra ela e dizer assim “não, você vai tirar esse plástico aqui pra jogar no

mar”, aí ela “não, mas eu fiz assim pra ficar bonito”. Ainda não entendem! Tem uns que tiram, mas tem outros que ainda questionam e colocam assim mesmo (Fragmento da Entrevista com o Pescador José, 2014).

Para a maioria dos participantes da festa de Yemanjá, o meio ambiente não possui muita relevância quando colocado em questão. A tradição vem em primeiro lugar. Para os adeptos das religiões afro-brasileiras, o meio ambiente está numa relação direta com os Orixás e com todos os momentos sagrados da festa. Quando questionado se é aceitável, dentro de uma religião, a “mudança” de certas tradições, tio Souza afirma:

Acho que a religião se encaixa com a sustentabilidade. Religião não existe para denegrir o meio ambiente. Então, as pessoas de bom senso, conscientes da religião, dentro dos seus métodos de oferenda (...) têm formas de não denegrir o meio ambiente com suas oferendas. Uma coisa que vejo até de forma desrespeitosa, porque o meio ambiente é uma coisa sagrada, existimos em função do meio ambiente. Eu acho que as religiões em si, elas infringem, agridem o meio ambiente.. não vamos aqui querer tapar o sol com a peneira! Tem alguns métodos, digamos assim, diferenciados de como contribuir e de como criar essa harmonia. Agora, vejo que a ignorância das pessoas ainda é algo predominante. Se outrora eu fazia determinadas oferendas e sabendo que hoje vem a causa, denegrir o meio ambiente – que abrange tudo, né? Fauna, flora... tudo – não ofereço mais! O que vale mais é a intenção e não mais a doação.

Alguns grupos específicos já atuam na conscientização e na produção dos chamados “balaios verdes”, presentes constituídos a partir de materiais biodegradáveis, já utilizados por alguns grupos religiosos e casas de axé e incentivados por grupos de ambientalistas. O presente principal da festa de Yemanjá, ofertado pelos pescadores locais, simboliza a preservação do meio ambiente e é produzido a partir de um material biodegradável.

O mar, fiel depositário de detritos urbanos, na festa de Yemanjá torna-se o receptor de ofertas sagradas e profanas (figura 14).

Figura 14 - Mar como fiel depositário de ofertas sagradas e profanas.



Fonte: Acervo pessoal de Bernardo Mussi, 2013

A coleta de resíduos em Salvador é responsabilidade da LIMPURB (Empresa de Limpeza Urbana do Salvador), principal órgão de coleta, fiscalização e gerenciamento de resíduos sólidos da capital baiana. Segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico (2010), a LIMPURB tem como missão garantir a limpeza urbana, visando à sustentabilidade socioambiental da cidade de Salvador.

Em Salvador, segundo dados fornecidos pela LIMPURB (2014) e disponibilizados em sua página na internet, em dias de festa na capital baiana, é montado um esquema especial de limpeza junto a empresas terceirizadas que atuam no período antes, durante e pós-festa. Após os festejos do dia 02 de fevereiro, é realizado o serviço de varrição, lavagem e coleta de resíduos com uma equipe de aproximadamente 198 agentes de limpeza e equipamentos (ao todo 26 equipamentos, como compactadores, carros-pipa etc.) para agilizar o processo de limpeza. Toda a operação é concluída até a manhã do dia 3 de fevereiro e cerca de 53 toneladas de resíduos coletados.

O maior problema ainda são os resíduos no período pós-festa, apesar do trabalho intenso exercido pela LIMPURB. A orla de todo o bairro do Rio Vermelho é marcada pela “devolução” dos presentes que se fazem presentes por semanas, no período que sucede a festa de Yemanjá (Figuras 15 e 16).

Figura 15 – Presentes retornam a praia em dia de festa.



Fonte: SANTOS, 2014

Figura 16 – Presentes retornam à praia dias após a festa.



Fonte: SANTOS, 2014

A coleta seletiva em Salvador é pouco representativa e praticamente desvinculada da gestão pública, dependendo da atuação de cooperativas e catadores

autônomos. Segundo informações do site da CONDER (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), cabe à instituição complementar as ações das prefeituras quanto à gestão dos resíduos sólidos urbanos, estimulando a formação de consórcios. Ainda conforme o site oficial há apoio e cooperação por parte do município às cooperativas, fomentando a coleta seletiva, a organização e a inclusão sócio-produtiva dos catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis.

Já houve tentativas de implantação de um projeto-piloto de coleta seletiva na cidade (mais especificamente no bairro da Pituba), com colocação de PEVs (pontos de entrega voluntária) de material reciclável, mas que não foi adiante devido à falta de incentivos para a continuidade do projeto, à pouca participação da população local e à destruição por vândalos dos pontos de coleta existentes.

Informações referentes à quantidade e ao tipo de material recolhido pelas cooperativas não foram sistematizadas nesta monografia devido à falta de divulgação oficial destes dados. Um problema denunciado, inclusive, por jornais locais:

De acordo com o Cempre, isso acontece porque a coleta seletiva na cidade é tão reduzida que não tem como ser medida. Segundo a prefeitura, em 2012 os 120 postos de entrega voluntária (PEVs) foram destruídos por vândalos, e, em 2013, os supermercados deixaram de atuar como PEVs, o que explica também a descontinuidade do serviço (JORNAL A TARDE, 2014, s.p).

Nos últimos meses, a prefeitura de Salvador divulgou um novo projeto, firmado entre o governo municipal e o Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), que visa à implantação para o mês de outubro de 2014 do sistema de coleta seletiva como forma de diversificar o atual modelo de coleta utilizado, no qual praticamente todo o lixo é direcionado aos aterros sanitários¹¹: Cerca de 95% do lixo produzido na metrópole soteropolitana são depositados nos aterros (SERPA, 2008, p.32).

Com base na pesquisa da Ciclossoft (2010), elaborada pela CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem), divulgada amplamente em jornais de grande circulação local, o custo da coleta seletiva é quatro vezes maior que o custo da coleta convencional. Enquanto o custo médio da coleta seletiva nas grandes cidades foi de US\$ 204,00 (ou R\$ 367,20), o valor médio da coleta regular/convencional de lixo foi de US\$ 47,22 (R\$ 85,00).

¹¹ Segundo dados do site da CONDER, a facilidade operacional e os baixos custos são os principais motivos para escolha dos aterros como destino final dos resíduos sólidos de Salvador e Região Metropolitana.

Outro impasse, além do alto custo da operacionalização da coleta seletiva, é a concessão que existe com a atual operadora que gerencia o principal aterro da cidade de Salvador, a VEGA. “A concessão, ganha em 2000, prevê a realização dos serviços de construção e operação do sistema de transporte e destinação final dos resíduos de Salvador” (SERPA, 2008, p.34).

A lógica econômica por trás das concessões é o principal motivo que impede, de fato, a concretização das políticas de coleta seletiva. As empresas concessionárias ganham/lucram em função da quantidade de lixo coletado que chega aos aterros. “É a quantidade de lixo recolhida que importa e não seu reaproveitamento” (SERPA, 2008, p.34).

Essa lógica econômica contradiz diretamente a atual lógica ambiental – pautada nos conceitos de sustentabilidade –, já que o reaproveitamento e reciclagem de matérias descartáveis, segundo Serpa (2008, p.35), aumentaria a vida útil e retardaria a necessidade de criar novos aterros, o que beneficiaria o ambiente urbano e pouparia, sem dúvida, recursos públicos.

5 CONCLUSÃO

As pesquisas realizadas sobre a festa de Yemanjá, apresentadas nesta monografia de bacharelado, permitiram conhecer as articulações de uma festa popular em Salvador sob diferentes abordagens, não apenas sociocultural, como a maioria dos trabalhos consultados sobre a temática, mas também sob uma abordagem econômica e sua vinculação direta com a questão ambiental.

Do ponto de vista sociocultural, é evidente a importância que a festa assume historicamente na cidade do Salvador, sobretudo por carregar uma forte tradição religiosa e expressar, diante da sociedade, a atuação, numa festa que movimenta milhares de pessoas, das religiões de matriz africana, que até pouco tempo eram estigmatizadas e excluídas dos espaços públicos da cidade. A festa expressa, portanto, a história e a cultura de um povo que se enraizaram ao longo de séculos no imaginário e na vivência populares.

Nota-se também que o respeito pelos atos em devoção à uma orixá sofreu e ainda sofre distorções/transformações com o passar dos anos. Está cada vez mais difícil separar o sagrado do profano na festa de Yemanjá, já que ambos acontecem ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Constatou-se que a essência religiosa da festa de Yemanjá se manifesta em geral dias antes, na madrugada que antecede o ápice da festa ou dentro dos terreiros de candomblé e umbanda. Poucos são aqueles que carregam consigo a essência religiosa no dia da festa mantendo uma postura religiosa diante de atividades de lazer e diversão que também ocorrem nos dias de festejo.

Do ponto de vista econômico, só há uma intenção: o lucro através do consumo. Os incentivos propostos pelas empresas, sobretudo as de bebidas, visam à dinâmica do próprio mercado dentro de uma festa religiosa e popular. Além disso, a escolha, o consumo e a venda de uma única marca de bebida são características que evidenciam a formação de um monopólio na capital baiana em festas populares.

Quanto maior a festa e maior a oferta de serviços, mais atrativa será para o turista ou a população local, que se apropria do conteúdo religioso da festa apenas momentaneamente.

Ainda pensando na apropriação do espaço da festa, fica evidente que os espaços públicos, antes reservados para manifestações coletivas, como as festas de largo, hoje são reduzidos a simples redutos de serviços. Circular nesses espaços torna-se cada vez mais difícil, principalmente em dia de festejos, já que ambulantes e

estabelecimentos comerciais diversos utiliza-os como extensão de seus negócios, privatizando o espaço público.

A festa de Yemanjá torna-se assim um espetáculo diante da atividade turística, aguçando a curiosidade dos turistas (nacionais e estrangeiros), o que evidencia a consolidação de uma festa-espetáculo no contexto analisado.

Do ponto de vista ambiental, não é posta em prática qualquer ação mais efetiva em favor do meio ambiente: Discurso demais e prática de menos. O meio ambiente natural é colocado em terceiro plano diante de interesses econômicos poderosos.

É interessante perceber como o discurso “sustentável” apresenta contradições até mesmo no contexto de religiões para as quais a natureza é detentora soberana das divindades adoradas.

Ao final desta monografia, a pesquisa se abre para algumas reflexões: para quem é aplicado o atual discurso do desenvolvimento sustentável? Se a cidade, o mercado e as grandes empresas pouco se adequam a estratégias e ações de gestão e manutenção que visem ao equilíbrio entre suas dinâmicas e o meio ambiente, como podem exigir de grupos religiosos a mudança em seus hábitos e tradições?

Outro questionamento diz respeito às dificuldades em torno da coleta e da reciclagem dos resíduos sólidos em Salvador, até mesmo num evento de grande porte como a festa de Yemanjá. Constitui-se, portanto, um desafio (tanto para a gestão pública quanto para privada), harmonizar questões econômicas com as questões ambientais, quando a dinâmica entre ambas são afetadas pela falta de fiscalização, falta de um tratamento técnico apropriado, falta, também, de mudanças nos hábitos e valores de uma sociedade, baseados num modelo de consumo descartável, no qual hábitos de desperdício e de descaso em relação ao espaço público, ao cidadão e ao meio ambiente são predominantes.

Uma das principais dificuldades na abordagem dessa temática deu-se pela falta ou pouca informação sobre alguns temas explorados, a exemplo da articulação entre sustentabilidade e religião.

Espera-se que o trabalho contribua para o conhecimento e a formação teórico-empírica de pessoas interessadas pela temática das festas populares em contexto urbano sob uma perspectiva multidimensional, como buscamos operacionalizar em nossos levantamentos e análises.

Espera-se também que o trabalho seja base e tenha continuidade de forma mais aprofundada em um mestrado, possibilitando a realização de pesquisas futuras, com a utilização de uma mesma perspectiva para a compreensão da organização de festas populares no espaço urbano e a articulação entre economia e sagrado numa análise multiescalar.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, F. A. G. **Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia**. 2003. 425 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Departamento de Geografia Física e Análise Geográfica Regional da Universidade de Barcelona, Barcelona, 2003.

AMARAL, R. **Festa Brasileira: sentidos de festejar no país que “não é sério”**. 1998. 380 f. Tese (Doutorado de antropologia) – Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/publico/tesecapa1.pdf>>. Acesso em: 25 de jun. 2014.

AZEVEDO, G. O. **Por menos Lixo: A minimização dos resíduos sólidos urbanos na cidade de Salvador/BA**. 2004. 148 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia Ambiental Urbana, Departamento de Engenharia Ambiental, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

BARROS, C. A. **Iemanjá e Pomba-Gira: Imagens do Feminino na umbanda**. 2006. 313 f. Dissertação (Mestre em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <<http://tepma.files.wordpress.com/2011/08/tcc-iemanjc3a1-e-pomba-gira-imagens-do-feminino-na-umbanda.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua. Campinas**. São Paulo: Papyrus, 1989. Disponível em: <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/a_cultura_na_rua.pdf>. Acesso em: 21 de jun. 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988.

_____. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Brasília, 02 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Acesso em: 21 jun 2014.

BLOG DO RIO VERMELHO. Disponível em: <[www.http://blogdoriorvermelho.blogspot.com.br](http://blogdoriorvermelho.blogspot.com.br)>. Acesso em: 21 jun. 2014.

CARLOS, A. F. O turismo e a produção do não lugar. In: YÁZIGI, E., CARLOS, A. F. A., CRUZ, R. de C. A. (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

CEMPRE. **Pesquisa Ciclosoft**. Disponível em: <http://www.cempre.org.br/ciclosoft_2010.php>. Acesso em: 30 set. 2014.

CLAVAL, P. **A geografia Cultural**. 3ª Edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
CORREA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, R. L.. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

DEL PRIORE, M. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Disponível em: <<http://minhateca.com.br/atilamunizpa/Livros/Festas+e+Utopias+no+Brasil+Colonial+-+Mary+Del+Priore,12304276.pdf>>. Acesso em: 21 de jun. 2014.

DIAS, R. Turismo Religioso: ensaios e reflexões. Ed. Alínea, 2003.

DINIZ, C. L.; SILVA, I. B.. **Metodologia científica**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

BNB. Banco do Nordeste. PRODETUR NE-II PDITS – Litoral Sul 3.8 - Produtos e Atrativos Turísticos 348, ano 2005. Disponível em: < http://www.bnb.com.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/docs/chapd_3_8_produtos_turisticos_e_atrativos_090708.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2014.

FLEXOR, M. H. O. J. J. Seabra e a reforma urbana de Salvador. In: 49º ICA - CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS. **Simpósio Urb3** - Questões Urbanas: História e políticas públicas, 1997. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/49CAI/Flexor.htm>>. Acesso em: 10 de jun. 2014.

HISTÓRIA E HISTÓRIA. **Sincretismo religioso no Brasil em Casa Grande & Senzala**: Influências na religiosidade brasileira. 2012. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=205>>. Acesso em: 21 mar. 2014

JORNAL A TARDE. **Salvador terá coleta seletiva de lixo a partir de outubro**. 29 set. 2014. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1626392-salvador-tera-coleta-seletiva-de-lixo-a-partir-de-outubro>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

JORNAL BAHIA NOTÍCIA. **Após iemanjá 'rejeitar' oferendas, prefeitura organiza implementação de coleta seletiva**. Salvador, 05 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/150000-apos-iemanja-039-rejeitar-039-oferendas-prefeitura-organiza-implementacao-de-coleta-seletiva.html>>. Acesso em: 05 out. 2014

JORNAL TRIBUNA DA BAHIA. **Pescadores presenteam Iemanjá com uma réplica de tartaruga marinha**. Salvador, 03 fev. 2014. Disponível em: < <http://www.tribunadabahia.com.br/2014/02/03/pescadores-presenteiam-iemanja-com-uma-replica-de-tartaruga-marinha>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

KILEUY, O., OXAGUIÃ, V. de. **O candomblé bem explicado**: Nações Bantu, Iorubá e Fon. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011. 368 p.

LEITE, R. C. N. **E a Bahia civiliza-se...** idéias de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador 1912-1916. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LEMOS, I. **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MATOS, F. L. de. Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades: O caso da cidade Porto. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, Urbelândia**, v. 2, n. 4, p.17-33, 2010. Disponível em: <http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/2edicao/n4/Espacos_publicos.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

MENDONÇA, R. Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição? In: Amália Inês Geraiges de Lemos (Org.). **Turismo: impactos socioambientais**. – 3 ed. – São Paulo: Hucitec, 2001.

MENDONÇA, E. M. S. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007.

NASCIMENTO, A. A. S. Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil. **RBSE**, v. 9, n. 27, p. 923 a 944, dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/grem/AlessandraArt.pdf>>. Acesso em: 22 de jun. 2014.

PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO. Disponível em: <http://www.infraestrutura.salvador.ba.gov.br/consultapublica/arquivos/PMSB_Res%C3%ADduosS%C3%B3lidos_Final.pdf>. Acesso em: 30 set. 2014.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004.

PORTO FILHO, U. M. **100 anos da paróquia do Rio Vermelho**. Salvador: Acirv, 2012.

OLIVEIRA, M. M. Como foi defendida a nova capital da América Portuguesa. In: NASCIMENTO, J.; GAMA, H. (Org.). **A urbanização de Salvador em três tempos – Colônia, Império e República**. Textos Críticos de História urbana. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2011. 380 p.

QUEIROZ, L. M. A. de. O território investigado: Salvador, a cidade dual. In: _____. **A gestão pública e a competitividade de cidades turísticas: a experiência da cidade do Salvador**. 2005. 631 f. Tese (Doutorado em Planificação Territorial e Desenvolvimento Regional) - Departamento de Geografia Física e Análise Geográfica Regional da Universidade de Barcelona, Barcelona, 2005.

RELATÓRIO de Sustentabilidade 2013. **Brasil Kirin: Itu –SP**, 2013.

RIBEIRO, C. M. Turismo religioso: fé, consumo e mercado. **E-Revista Facitec**, v. 5, n. 1, Art.6, ago.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.facitec.br/entrevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2>. Acesso em: 10 out. 2014.

RODRIGUES, A. M.. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: Eduardo Yáziqi, Ana Fani Alessandri Carlos, Rita de Cássia

Ariza da Cruz (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. A abordagem ambiental: Questões para reflexão. **GeoTextos**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 183-201, jul. 2009. A. Moysés Rodrigues 183-201

ROSA, L. A. Jean brunhes: pontos para o debate epistemológico. In: encontro nacional de história do pensamento geográfico, 3., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** . São Paulo: Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 201

ROSENDAHL, Z. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 112 p.

SANTANA, J. O.; CERQUEIRA, E.C.; NASCIMENTO, D. M. C. GEOTECNOLOGIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: USO E OCUPAÇÃO DO SOLO EM SALVADOR – BA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA, 26., 2014, Gramado. **Anais...** . Salvador: Cbg, 2014. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www.cartografia.org.br/cbc/trabalhos/7/329/CT07-9_1404439885.pdf>. Acesso em: 25 out. 2014.

SANTANA, M. C. Alma e festa de uma cidade: devoção e construção na colina do Bonfim, 2011; In: NASCIMENTO, J.; GAMA, H. (Org.). **A urbanização de Salvador em três tempos** – Colônia, Império e República. Textos Críticos de História urbana. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2011. 380 p.

SANTOS, C. A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 5, n. 1, p. 177-190, jan.-abr./2009.

SANTOS, E. C. **Religião e espetáculo: Análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé**. 2005. 229 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-134704/pt-br.php>>. Acesso em: 28 ago. de 2014.

SANTOS, E. et al. (Org.). **O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes**. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.

SERPA, A. Ponto convergente de utopias e culturas: o Parque de São Bartolomeu. **Tempo Social** - Rev. Sociol. USP, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 177-190, outubro de 1996. Disponível em: < http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v082/ponto_convergente.pdf>. Acesso em: 03 out. 2014.

_____. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Cidades e metrópoles: uma perspectiva geográfica para a análise dos “problemas ambientais urbanos”. **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 23, p. 30-43, 2008.

SILVEIRA, E. J. S. da. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, p. 33-51, maio 2007.

SOARES, A. M. C. O merchandising urbano: cidade-mercadoria, arte e indústria cultural. In: **I Seminário Arte e Cidade** - Salvador, maio de 2006.

SOUZA, D. M. A. M. de. Visões Literárias da Cidade da Bahia. In: PINHEIRO, D. J. F.; SILVA, M. A. (Org.). **Visões imaginárias da cidade da Bahia**: diálogos entre a geografia e a literatura [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 04 out. 2014.

VASCONCELLOS, P.. A “idade de ouro” de Salvador. **Revista Território**, v. 1, n. 2, 1997. Disponível em: < http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/02_6_vasconcelos.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2014.

VERGER, P. F. **Livro Orixás** – Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. 6. ed. Salvador: Editora Corrupio, 2013.

VISITE a Bahia. Disponível em: < <http://www.visiteabahia.com.br/visite/atracoes/religiao/festasreligiosas/iindex.php?id=17>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

APÊNDICE A - Modelo de questionário aplicado nos dias 01 e 02 de fevereiro de 2014.

Universidade Federal da Bahia
 Instituto de Geociências
 TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
 Discente: Jullie Souza de Santana



ENQUETE

Homem () Mulher ()

Idade: _____

1. Você frequenta a festa anualmente?
 Sim
 Não Com que frequência: _____

2. Qual presente costuma ofertar? Balaio S/ Balaio
 Flores
 Perfume / Cosméticos
 Material: Frasco de Vidro Frasco de Plástico Sem recipiente
 Espelhos
 Outro _____

3. Sobre a origem do presente:
 Comprou? Onde: _____
 Criação Própria

4. Adepto à religião:
 Candomblé
 Umbanda
 Sem Religião
 Outro _____

5. Há preocupação para concepção de um presente sustentável?
 Sim
 Não

APÊNDICE B - Roteiro para realização de entrevista com os pescadores da Colônia do Rio Vermelho em Salvador.

- 1) Gostaria que você se apresentasse, falasse um pouco sobre seu trabalho e as principais dificuldades encontradas durante o exercício do mesmo.
- 2) Qual a história da vila de Pescadores e atualmente, quantos pescadores trabalham aqui?
- 3) Sabemos que a Vila de Pescadores é um local que possui forte simbologia religiosa. O que Yemanjá representa para os pescadores da Vila?
- 4) Qual é o ponto positivo e o ponto negativo da Festa de Yemanjá para vocês?
- 5) Nos últimos anos, algo mudou na relação entre o trabalho do pescador e a festa de Yemanjá? Sem sim, o quê?
- 6) Vocês recolhem muitos resíduos oriundos da Festa durante as pescarias? Quais ações vocês acham que ajudariam a reduzir esse problema.
- 7) Quais mudanças ocorreram na Vila de Pescadores após investimento da Brasil Kirin (dona da marca Schin) na Festa de Yemanjá?

APÊNDICE C - Roteiro para realização de entrevista com o Povo de Santo.

- 1) Gostaria que você se apresentasse, falasse um pouco sobre sua história no Candomblé e atuais atribuições.
- 2) Quem são os Orixás?
- 3) O que Yemanjá representa para o Candomblé?
- 4) O que foi o sincretismo e como ele se configura atualmente?
- 5) Há receio por parte dos adeptos de religiões de matrizes africanas em expor suas crenças? Como vocês veem a intolerância religiosa na cidade de Salvador?
- 6) O que mudou na festa de Yemanjá hoje quando comparada a mesma festa de 15/20 anos atrás?
- 7) É aceitável, dentro de uma religião, a mudança de certas tradições visando um bem maior, como a natureza